EDITORA FIOCRUZ
20 anos *e mais*

Editora Fiocruz

Diretora: Nísia Trindade Lima

Editor Executivo: João Carlos Canossa Mendes

Editores Científicos: Carlos Machado de Freitas e Gilberto Hochman

Conselheiros Editoriais: Claudia Nunes Duarte dos Santos, Jane Russo, Lígia Vieira da Silva, Maria Cecília de Souza Minayo, Marilia Santini de Oliveira, Moisés Goldbaum, Pedro Paulo Chieffi, Ricardo Lourenço de Oliveira, Ricardo Ventura Santos e Soraya Vargas Côrtes

Assistência às Editorias: Geiza das Neves

Preparação de Originais, Copidesque e Revisão: Augusta Avalle, Irene Ernest Dias, Maria Cecilia G. B. Moreira, Marcionílio Cavalcanti de Paiva e Myllena Paiva

Referências e Índices: Clarissa Bravo

Conferência de Provas e Digitação: Gislene Coimbra

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Carlota Rios e Daniel Pose

Produção Gráfico-Editorial: Phelipe Gasiglia

Assessoria de Comunicação: Fernanda Marques

Comercial: Sônia Pinho

Eventos: Sonia Maria da Silva

Estoque e Representação em Eventos: Armando Roberto Aguiar e Marcus Vinícius da Silva Lima

Livraria: Jonathan Lima

TI: Marcelo Pinto

Secretaria e Administração: Jurema Camargo Magalhães

Apoio: Gilberto Pinheiro Rodrigues

Créditos

Produção de conteúdo: Letícia Taets (Bolsista do CNPq PIBIC-EM – Brasil)

Orientação: Fernanda Marques

Supervisão: Phelipe Gasiglia

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Carlota Rios

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil

S.u.m.á.r.i.o

Apresentação 4

Parte I: A Editora Fiocruz é feita de pessoas 5

Direção 6

Produção 22

Administração 35

Parcerias 45

Parte II: A Editora Fiocruz é feita de livros 53

A Editora Fiocruz e o SUS 54

Linha do tempo 62

A.p.r.e.s.e.n.t.a.ç.ã.o

Criada em 1993, a Editora Fiocruz publicou seus primeiros títulos em 1994. As comemorações de seus 20 anos, portanto, foram iniciadas em 2013 e continuaram ao longo de 2014. Comemorações merecidamente estendidas. Não faltavam motivos para celebrar. Celebramos até mesmo os desafios, que não são poucos; afinal, são eles que nos movem em direção ao futuro.

Este projeto, que pretende registrar um pouco da memória da Editora Fiocruz, é também um olhar que lançamos para o futuro. Não por acaso, optamos por dar voz àqueles que são peças-chave da Editora: seus profissionais e livros. Pois acreditamos que prestar atenção a essas vozes, saber ouvir o que elas têm a nos dizer, é fundamental para planejar o porvir.

Os próximos 20 anos da Editora Fiocruz dependem da experiência daqueles que, cotidianamente, trabalham para produzir e disseminar conhecimentos em saúde pública sob a forma de livros, estejam eles em cargos de direção, produção ou administração. Dependem também daqueles que nem estão diretamente ligados à Editora, mas nela imprimem sua marca por meio de inestimáveis parcerias.

Nossos próximos 20 anos, igualmente, dependem do legado de nossos livros, os frutos mais palpáveis de nosso trabalho. Nossos esforços, porém, não se encerram nas publicações. É preciso que os livros cheguem aos leitores e por estes sejam apropriados. Do contrário, nosso objetivo terá sido apenas parcialmente cumprido.

Uma editora é feita de pessoas e livros, não restam dúvidas. Felizmente, a Editora Fiocruz é feita de muitas pessoas e livros. Os livros são fáceis de quantificar: atualmente, temos cerca de 400 títulos em nosso catálogo. Já as pessoas são inúmeras, incontáveis. Infelizmente, nem todos aparecem neste livreto. Como todo recorte, ele é, necessariamente, incompleto. Mas a amostra aqui reunida certamente representa a rica diversidade de nossa Editora.

Uma diversidade que, aliás, a cada dia se torna ainda mais rica. Exemplo disso foi a chegada da Letícia, nossa querida aluna do Programa de Vocação Científica (Provoc). Com muita doçura e determinação, participou ativamente da elaboração deste livreto. Enquanto pesquisava e coletava depoimentos, ela foi descobrindo o universo da Editora Fiocruz e, ao mesmo tempo, nos ajudando a nos redescobrir.

Temos a satisfação de apresentar, agora em 2015, o resultado desse trabalho construído pela Letícia. Por mais extensas que tenham sido as comemorações dos 20 anos da Editora Fiocruz, já não seria correto afirmar que este livreto faz parte delas. Mas chamá-lo de projeto Editora Fiocruz – 20 anos *e mais* nos parece justo e exato. Pois, depois de revisitarmos nossa memória e o conjunto de nossa obra, é isso que somos: somos mais.

Seja bem-vindo ao universo da Editora Fiocruz e fique à vontade para se somar a ele!

Fernanda Marques

Assessora de Comunicação da Editora Fiocruz

Foto: Roberto Jesus Oscar (COC/Fiocruz)

Parte I: A Editora Fiocruz é feita de pessoas

Foto: Reprodução Facebook

*Nísia Trindade Lima**

Vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz e diretora da Editora Fiocruz (desde 2011)

Como descreveria o projeto da Editora Fiocruz?

Nísia Trindade Lima: Como um projeto de toda a Fiocruz, mas, sobretudo, um projeto voltado para a abertura da área de saúde coletiva de forma multidisciplinar, reforçando o pluralismo que deve pautar a atividade acadêmica. Um projeto, portanto, aberto a autores de várias instituições e de várias perspectivas acadêmicas. Esse é um importante legado quando pensamos no papel das editoras universitárias, em geral, e da Editora Fiocruz, em particular.

Como avalia essas duas primeiras décadas do projeto?

NTL: Desde o começo, a Fiocruz deu um peso importante ao projeto. A Editora Fiocruz sempre teve uma parceria muito produtiva com a comunidade de saúde coletiva e com a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu). Essa aproximação foi fundamental para compreender a questão do livro e da leitura como política pública e o nosso papel, como editora acadêmica em saúde pública, nesse contexto. Compartilhamos uma trajetória que demonstra a importância da relação entre ciência e cultura, em uma perspectiva que realmente toma a pluralidade científica como algo de valor e que deve pautar nossas ações. Aprendemos muito nesse processo.

Como avalia o momento atual?

NTL: É um momento oportuno para fazermos uma reflexão sobre o futuro do livro, conjugada, inclusive, com a avaliação da pesquisa e da pós-graduação. De fato, uma discussão que liga a história com as visões de futuro nos anima a continuar com esse projeto tão gratificante que é o da Editora Fiocruz. Só posso compartilhar com todos a felicidade por esse momento.

* O texto desta entrevista foi baseado no discurso proferido por Nísia Trindade Lima em 6 de novembro de 2013, na Academia Brasileira de Letras (ABL), por ocasião da abertura do seminário "O Futuro do Livro É o Livro", comemorativo dos 20 anos da Editora Fiocruz.

Foto: Peter Ilicciev (CCS/Fiocruz)

Paulo Gadelha

Presidente da Fiocruz (desde 2009), ex-vice-presidente de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação da Fiocruz e ex-diretor da Editora Fiocruz (2001-2004)

Por que considera importante uma editora na Fiocruz?

Paulo Gadelha: A Editora Fiocruz é uma editora acadêmica. Ela não tem por objetivo a questão comercial, embora, como qualquer empreendimento, busque a sustentabilidade e preze pela qualidade de suas produções. E o fato de ser acadêmica define um perfil diferenciado: a escolha de suas temáticas, o tratamento que dá aos materiais que serão editados e a forma como estimula as publicações indicam uma vocação, que, no caso da Fiocruz, significa um compromisso com as áreas de saúde, ciência, tecnologia e todas as suas interfaces. Essa vocação já justifica plenamente a existência da Editora Fiocruz. Ela estimula que os trabalhos acadêmicos, na Fiocruz e em outras instituições, sejam traduzidos em produtos editoriais, disponíveis para todo o Brasil e valorizados pelo padrão de qualidade da Editora Fiocruz. Ela funciona como um estímulo à inovação no campo acadêmico e contribui para que os conhecimentos cheguem à população, fomentando reflexões e debates, consolidando uma cultura científica e orientando a busca das respostas de que o país precisa no campo da saúde e da ciência e tecnologia.

O conhecimento, então, precisa ultrapassar os muros da academia?

PG: Sim. O conhecimento científico, atualmente, está enclausurado. Ele deve ser traduzido e apropriado, em processos de informação e formação. É preciso alargar as percepções e aumentar a participação das pessoas.

É um desafio...

PG: Um exercício pedagógico! O cientista era reconhecido por sua forma de expressão hermética, carregada de referenciais e jargões do seu campo de conhecimento. Mas isso se tornou uma grande barreira. E hoje existe o incentivo para formas expressivas mais democráticas e inclusivas. O livro, nesse sentido, tem características muito especiais. Enquanto o artigo científico, muitas vezes, é voltado para uma comunidade específica e atende a critérios e finalidades mais técnicos, o livro tem uma transcendência, uma forma de linguagem que atinge públicos mais amplos. Este é o destino do livro.

Poderíamos dizer que o livro constitui um exercício duplamente pedagógico, para o leitor e para o autor?

PG: Sem dúvida. Há uma frase de Carlos Chagas que costumamos repetir: "não vai demorar que passemos adiante uma bela e forte ciência que faz arte em defesa da vida". Ou seja: a ciência deve ser transmitida a outros; é fundamental que ela tenha os mais variados interlocutores. Essa questão já estava no nascedouro da proposta de constituir uma editora na Fiocruz. E, hoje, a trajetória da Editora Fiocruz revela um aprendizado enorme nesse sentido.

Poderia exemplificar esse aprendizado?

PG: Os campos do conhecimento se organizam, consolidam e legitimam por meio de instrumentos como cursos de pós-graduação e periódicos científicos. Os livros e as coleções também desempenham essa função. A decisão de criar uma coleção voltada para saúde mental ou história da saúde é um modo de fazer um recorte, chamar a atenção e dar coesão para trabalhos que estão sendo desenvolvidos no campo, ajudando a consolidá-lo. Os livros e coleções da Editora Fiocruz sinalizam a existência de campos com produção acadêmica significativa e também induzem a realização de novos trabalhos direcionados a esses campos. Um exemplo é a coletânea *Fundamentos da Paleoparasitologia*, que, inclusive, recebeu um prêmio Jabuti. Esse livro materializa um campo em que a Fiocruz foi pioneira; trata-se de uma obra que, ao mesmo tempo, é referência e confere visibilidade a uma disciplina relativamente nova.

Qual a sua avaliação sobre o período em que foi diretor da Editora Fiocruz?

PG: Trabalhei e me dediquei muito à Editora, reconhecendo sua relevância e os avanços já obtidos em gestões anteriores. Tive uma preocupação grande em prover infraestrutura e condições para que a Editora atingisse patamares de profissionalismo. Um aspecto importante foi o investimento de recursos orçamentários: uma editora com as características da Editora Fiocruz, em sua fase de consolidação, exigia um investimento institucional para alavancar a sustentabilidade do projeto. Também busquei reforçar a capacidade de interlocução da Editora Fiocruz com as associações e redes de editoras, especialmente as universitárias, bem como fortalecer a conformação do conselho editorial.

Como atual presidente da Fiocruz, quais os planos para o futuro da Editora?

PG: Acredito que os passos futuros serão na direção do reconhecimento e da valorização da Editora como parte significativa dos projetos institucionais da Fiocruz. Também vejo uma demanda muito forte em relação aos meios comunicacionais, ao convívio entre mídias impressas e virtuais, e às questões ligadas ao acesso ao conhecimento. Será cada vez mais decisivo a Editora interagir com outras esferas da comunicação, da própria Fiocruz (Canal Saúde, VideoSaúde, Museu da Vida etc.) e externas (redes sociais). A Editora deve se repensar e atualizar, inclusive sobre formas de chegar ao público de maneira mais criativa e dinâmica, o que passa pelo universo da divulgação científica. Ela também deve reforçar seu papel de antecipar e induzir a produção acadêmica em áreas portadoras de futuro, contribuindo para a projeção institucional da Fiocruz nessas áreas. Essa indução pode englobar também as relações entre saúde e cultura, meio ambiente, modos de vida. A Editora tem que ser um instrumento de conhecimento, mas também de comunicação, criação e participação.

Foto: Virgínia Damas (CCI/Ensp/Fiocruz)

Cecília Minayo

Conselheira editorial, ex-vice-presidente de Ambiente, Comunicação e Informação da Fiocruz e ex-diretora da Editora Fiocruz (1997-2000)

Como avalia o desenvolvimento das editoras acadêmicas, em geral, e da Editora Fiocruz, em particular?

Cecília Minayo: Acompanho a Editora Fiocruz desde seu começo. E também fui vice-presidente da Fiocruz para a área de informação e comunicação. Uma das atribuições desse cargo era presidir a Editora, tarefa gratificante, já que adoro trabalhar com divulgação científica. Embora a Editora nunca vá estar totalmente construída, mas em constante processo de construção, naquela época, ela ainda começava a se estruturar e contava com um orçamento bastante limitado. Para mim, é um equívoco resumir uma editora acadêmica a uma pequena empresa, que deve ser autossuficiente e cobrir os próprios gastos. Por um lado, isso é bom, pois evita que editores 'descansem nos louros', ou seja, impede que se publiquem quaisquer livros, livros que não vão vender. É claro que é necessário produzir livros que tenham mercado. Porém, é preciso também reconhecer que o mercado dos livros acadêmicos é bem mais reduzido do que o mercado dos livros em geral. Então, ao mesmo tempo em que se deve levar em conta, com bastante responsabilidade, o lado financeiro-administrativo, também é preciso haver o entendimento de que editoras acadêmicas não se mantêm apenas com a venda dos livros que publicam: é imprescindível o apoio das instituições às quais elas estão vinculadas.

Como uma editora acadêmica poderia atingir um público maior, não com o objetivo de vender mais livros, mas porque isso representaria também uma maior difusão do conhecimento científico?

CM: Acredito que isso seja um sonho de todos nós: não só produzirmos conhecimento, mas também popularizá-lo. Há formas de se fazer isso. É bastante possível escrever livros

acadêmicos com uma linguagem popular. Os livros com uma linguagem mais técnica, conhecida apenas entre pares, podem ser reescritos pelos autores em uma linguagem mais acessível, especialmente quando abordam conhecimentos relevantes e de interesse para a população. É preciso ter mecanismos para estimular essa prática. Outra iniciativa importante é investir no trabalho jornalístico: a partir da leitura de um livro acadêmico, o jornalista produz um texto de divulgação em que apresente os principais conteúdos que interessem ao ao grande público. Na Revista ***Ciência & Saúde Coletiva,*** estamos nos esforçando para produzir *press releases* sobre cada edição mensal e transformar pelo menos dois artigos com informações relevantes e que trazem novidades em textos com linguagem popular, de tal forma que o público em geral possa ter acesso àqueles conteúdos. Nesse sentido, os Estados Unidos são nosso grande mestre. Por exemplo, como ficamos sabendo que determinado tema saiu na revista *Science*? Todas as grandes revistas científicas americanas têm, acopladas a elas, um forte investimento no trabalho jornalístico de divulgação do conhecimento.

Cecília Minayo é editora-chefe desta revista, uma publicação mensal da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). A missão do periódico é publicar debates, análises e resultados de investigações sobre temas considerados relevantes para a saúde coletiva.

São diferentes estratégias de popularização da ciência...

CM: Muitas vezes, as editoras estão mais preocupadas em fazer a propaganda do livro em si, em vez de destacarem o que esse livro está trazendo de novidade e contribuição para a sociedade. Na TV, quando um autor de livro é entrevistado, geralmente ele é estrangeiro. Considero muito importante que a Editora Fiocruz e outras editoras acadêmicas trabalhem no sentido de ocupar esses espaços na mídia. Hoje, a visão contemporânea é a de que não se deve fazer uma ciência para a ciência, mas uma ciência para a sociedade. Há várias formas de se realizar isso, sendo os principais tornar o conhecimento mais acessível ou incorporá-lo à vida social e às políticas públicas.

Como funciona o Conselho Editorial da Editora Fiocruz?

CM: O papel do Conselho é o de, juntamente com o corpo executivo da Editora, traçar a política editorial. E, a partir dessa política, em reuniões periódicas, discutir questões como que originais aprovar, que obras já estão **no prelo**, que livros reeditar ou reimprimir, que novos temas incorporar etc. Mais: na pauta do Conselho, destaca-se a discussão acerca de novas possibilidades para a Editora, como os *e-books*, os livros em

Diz-se do livro que se encontra já na gráfica, em processo de impressão e, portanto, prestes a ser publicado.

língua estrangeira etc. O Conselho também dá atenção às questões de preservação da memória e do conhecimento em saúde pública. Por exemplo, às vezes, algumas obras são pouco vendáveis, mas fundamentais para a história da área. A decisão de publicá-las passa também pelo Conselho.

Como podemos definir "política editorial"?

CM: A política, na verdade, consiste em estabelecer as grandes linhas que definem o escopo da Editora e as diretrizes e estratégias para que ela alcance seus objetivos. Na Editora Fiocruz, uma grande diretriz da política editorial é que todas as áreas da saúde pública sejam contempladas. Outra é a indução de determinados campos como o de políticas de saúde e o biomédico. Estas são áreas sobre as quais muito temos falado no Conselho, mas que editorialmente têm caminhado pouco. As razões das dificuldades são diferentes. Na área das políticas de saúde, há muito discurso e pouca escrita, mas, quando os livros saem, costumam se tornar grandes referências. Na área biomédica, os pesquisadores têm costume de publicar mais artigos do que livros. Nesse último caso, os livros, embora menos frequentes, acabam por se configurar como grandes tratados e obras referenciais. Outra diretriz da política da Editora Fiocruz diz respeito à criação e manutenção das coleções, como a ***Antropologia e Saúde*** e a ***Criança, Mulher e Saúde***, que privilegiam determinados temas de interesse. Enfim, o que considero política editorial não é uma coisa abstrata: ela é um conjunto de definições das linhas de publicações e das diretrizes concretas que norteiam as decisões, para que a Editora tenha a cara, o feitio e os propósitos que se esperam dela.

Antropologia e Saúde: Visa a contribuir para o desenvolvimento e a divulgação de referenciais teóricos e metodológicos que suscitem perspectivas inovadoras na abordagem interdisciplinar do processo saúde-doença.

Criança, Mulher e Saúde: Aberta aos diversos aspectos desse complexo campo que é a atenção à saúde da criança e da mulher, publica relatos de pesquisas, descrições de casos, textos técnicos abrangentes e inovações metodológicas, visando a uma compreensão que englobe clínica médica, ciências humanas e saúde coletiva.

A senhora é autora também. Como é a sua relação com a escrita?

CM: Gosto muito de escrever. Pensam que tenho muita facilidade para escrever, mas me exige bastante suor. De tanto praticar, desenvolvi uma arte de comunicação. Quando escrevo, penso exatamente em quem vai ler meu texto. Converso com o leitor e procuro utilizar uma linguagem compreensível, embora não deixe de ser uma escrita científica.

Que dicas daria para autores iniciantes?

CM: O grande segredo é que você não deve se ater demais a certos formalismos científicos. Por exemplo, muita gente é incapaz de escrever uma frase sem colocar, no final, o nome de outro autor entre parênteses – as tais das referências. Evitar o excesso de referências não quer dizer que você está plagiando. É preciso estudar, ler variados autores, apropriar-se do conhecimento deles e, a partir daí, construir seu próprio pensamento transmitido com suas próprias palavras. É claro que, em algum momento, você tem que se referir aos autores que leu, mas, no momento da escrita, é você que está falando para o seu leitor. Essa é a dica fundamental. Quando comecei a escrever textos, na faculdade, a primeira coisa que escrevi foi um estudo sobre trabalhadores da Baixada Fluminense. Para realizá-lo, tive que ler muito as obras de Marx sobre todas as questões que envolvem o trabalho. Apropriei-me desses conhecimentos e os transformei em um texto mais compreensível, preservando o essencial dos conceitos trabalhados por Marx. O que aconteceu? Meus colegas da faculdade, em vez de lerem as obras de Marx, queriam ler o texto que eu tinha escrito. Para mim foi uma lição. Passei a considerar um ato político não escrever difícil: comunicar-me com o leitor. Sempre achei que quem escreve difícil se esconde atrás das palavras. Porque, quando uma pessoa está insegura sobre o que dizer, é mais fácil enrolar do que falar claramente. Portanto, minha dica é a seguinte: escrevam para que uma pessoa com uma formação mediana possa entender, mesmo que o tema seja difícil. Insisto muito com meus alunos e orientandos: vamos escrever para sermos lidos; não vamos nos esconder atrás das palavras!

Foto: Peter Ilicciev (CCS/Fiocruz)

Paulo Buss*: Médico; pesquisador e professor da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz); membro titular da Academia Nacional de Medicina (ANM). Foi presidente da Fiocruz por dois mandatos consecutivos, de 2001 a 2008, e também diretor da Ensp por duas vezes, de 1989 a 1992 e de 1998 a 2000. Foi vice-presidente vice-presidente de Desenvolvimento Institucional, Informação e Comunicação da Fiocruz de 1992 a 1996, período que engloba a criação da Editora, tendo sido seu primeiro diretor – na ocasião, o presidente da Fiocruz era o médico Carlos Morel. Atualmente, Paulo Buss está à frente do Centro de Relações Internacionais em Saúde da Fiocruz.

Foto: André Az (CCS/Fiocruz)

Maria do Carmo Leal*: Graduada em medicina, mestre e doutora em saúde pública; pesquisadora e professora da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), da qual foi diretora entre 1993 e 1994, tendo sido a primeira – e, por enquanto, única – mulher a exercer esse cargo. Como vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, de 2005 a 2011, foi diretora da Editora. Com ênfase em epidemiologia, seus temas de especialidade incluem iniquidades em saúde da mulher, criança e adolescente; mortalidade infantil, neonatal e perinatal; parto e nascimento; cuidados básicos de saúde; e avaliação de programas.

*Textos informados pelos pesquisadores em seus currículos na Plataforma Lattes (CNPq).

Foto: Reprodução Facebook

Ligia Maria Vieira da Silva

Conselheira editorial

Qual o papel do conselheiro editorial?

Ligia Maria Vieira da Silva: Os conselheiros são pesquisadores oriundos de diferentes áreas do conhecimento. A partir de suas especialidades, constituem um grupo diversificado que permite à Editora realizar uma revisão dos **originais** baseada no mérito acadêmico e científico. Também orientam a política editorial por meio de discussões sobre aspectos estratégicos para a Editora, bem como aprovam normas específicas para certos tipos de publicações, como as coletâneas e coleções. Cabe ainda aos conselheiros sugerir livros a serem induzidos e recomendar novas edições de livros já publicados.

Refere-se ao texto produzido pelo autor e entregue à Editora para avaliação, antes de ser publicado no formato de livro.

Na sua opinião, que livros deveriam ser induzidos?

LMVS: Em relação à área de políticas, por exemplo, há necessidade de um livro atual com uma análise comparada dos principais sistemas de saúde e/ou modelos assistenciais do mundo; e outro que sistematize experiências exitosas de descentralização da saúde ou de implantação de programas de saúde.

Como são tomadas as decisões sobre indução e outros pontos de pauta?

LMVS: O Conselho se reúne regularmente para discutir a política editorial em suas grandes linhas, a exemplo das traduções, coletâneas, temas a serem priorizados etc. No cotidiano, os conselheiros são consultados sobre originais da sua área de especialidade, ora indicando **pareceristas** apropriados, ora eles próprios fazendo uma avaliação técnica e emitindo pareceres preliminares, que norteiam autores e editores na reformulação dos textos.

Como especialistas no tema abordado nos originais, analisam o conteúdo do texto, assinalam seus pontos fortes e fracos, e recomendam ou não sua publicação em formato de livro.

Esse processo de avaliação é um importante diferencial das editoras acadêmicas...

LMVS: Os processos de avaliação acadêmica são sempre imperfeitos, porém necessários e fundamentais. Acho que aprimorar a **revisão por pares** é ainda o principal mecanismo para aperfeiçoar a avaliação e fortalecer os livros como indicadores da qualidade da produção acadêmica. Os livros são o principal veículo de publicação de pesquisas em áreas como as ciências sociais aplicadas à saúde. Um livro de qualidade serve de referencial para os futuros pesquisadores e auxilia no aperfeiçoamento das produções. Uma sugestão seria introduzir em cada livro um resumo estendido, onde o autor tivesse a obrigação de indicar qual a contribuição original que o seu trabalho traz para aquela área do conhecimento.

É o processo por meio do qual os originais são analisados por pareceristas, sendo que estes não são informados sobre a identidade dos autores (e vice-versa), de modo a assegurar a imparcialidade da avaliação.

Em divulgação e ensino, quais as principais conquistas e o que permanece como desafio para a Editora Fiocruz?

LMVS: A coleção ***Temas em Saúde*** é uma importante iniciativa voltada para a divulgação em saúde e deve ser ampliada, incorporando novos temas: vacinas, financiamento da saúde, genética etc. No que diz respeito ao ensino, a atualização periódica das publicações é uma necessidade. Pode-se pensar em estratégias não convencionais, como *sites* com as atualizações conjunturais. Além disso, a Editora deve sempre investir em livros que, embora sem grande apelo comercial, tenham o potencial de servir como referência metodológica para determinadas áreas.

Dirigida a estudantes, profissionais e público geral, esta coleção da Editora Fiocruz oferece uma introdução ou um panorama sobre conceitos e conteúdos fundamentais das áreas da saúde.

Qual a parte mais gratificante das atividades de conselheira editorial?

LMVS: A Editora Fiocruz valoriza a divulgação de uma produção acadêmica que, por suas características, requer o formato de livro, mais extenso do que aquele propiciado por artigos em periódicos científicos. Dessa forma, torna disponíveis recursos importantes para a pesquisa, o ensino, a gestão e as práticas de saúde. Atuar no Conselho de uma Editora com esse perfil permite a seus membros contribuírem para a qualidade desses conhecimentos e serviços – uma atividade extremamente relevante e gratificante por seus resultados. Também o convívio com pesquisadores de diferentes formações acadêmicas e *expertises* resulta em um valioso estímulo intelectual.

Foto: Virgínia Damas (CCI/Ensp/Fiocruz)

Ricardo Ventura Santos

Conselheiro editorial e ex-editor científico

O que faz um editor científico?

Ricardo Ventura Santos: Na Fiocruz, há vários **periódicos científicos** e outros canais de publicação da ciência. A Editora Fiocruz é um desses canais. Cabe a um editor científico da Editora Fiocruz acompanhar a trajetória do livro no que se refere a seu conteúdo acadêmico. Ele é responsável por verificar se os manuscritos que chegam à Editora são compatíveis com as linhas editoriais da casa, além de identificar pareceristas que possam avaliá-los.

No Portal de Periódicos da Fiocruz, o público tem acesso aberto e gratuito, no mesmo ambiente web (http://periodicos.fiocruz.br/), aos artigos de todas as sete revistas científicas editadas na Fundação. Com a busca integrada, os leitores podem ter uma visão ampliada do conhecimento em saúde, a partir de diferentes abordagens.

Quais são as linhas editoriais da Editora Fiocruz?

RVS: A Editora Fiocruz é uma editora pública que trabalha com temas afins à área da saúde. Em nossa linha editorial, não publicaríamos um romance ou uma obra de ficção, como é comum em editoras comerciais. A Editora Fiocruz tem um perfil técnico e acadêmico ou, como se diz, é uma editora universitária. Trabalha com produção e publicação de conhecimentos científicos nas diversas áreas de pesquisa e formação em saúde.

Como se dá a seleção dos livros que serão publicados?

RVS: Os manuscritos são encaminhados aos pareceristas, especialistas nos respectivos temas dos livros, que relatam para os editores suas avaliações sobre os originais: qualidades, problemas, questões que precisam ser revisadas. A partir dos pareceres, editores e conselho editorial decidem se o livro deve ou não ser publicado. Em geral, na área de publicações, a demanda de manuscritos a serem publicados sempre é superior à capacidade que as editoras têm de publicar. Por isso, dentro da pauta editorial, a seleção dos livros que serão publicados também precisa levar em conta os recursos materiais e humanos disponíveis.

Como começou a trabalhar na Editora Fiocruz?

RVS: Sou pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) na área de antropologia, saúde e ciências sociais. Meu trabalho é com os povos indígenas e as necessidades de saúde. No entanto, a atuação de um pesquisador vai além das especificidades técnico-científicas de sua pesquisa. É rotineira a publicação de artigos em periódicos, capítulos de livros e livros. Assim, gradualmente, me envolvi com a Editora Fiocruz de diversas formas. Comecei como autor, organizei e publiquei livros pela Editora Fiocruz e por outras editoras. Participei de comissões de avaliação da pós-graduação, onde tem sido importante o debate sobre a questão do livro. Minha primeira experiência mais direta com a Editora Fiocruz foi a publicação de **um livro em 1996**. A partir daí, sempre estive em contato com esta Editora de diferentes maneiras: como autor, parecerista, **conselheiro editorial, editor científico**...

Trata-se do título *Raça, Ciência e Sociedade*, organizado em conjunto com o pesquisador Marcos Chor Maio.

Em agosto de 2013, após oito anos como editor científico, Ricardo Ventura Santos deixou esse posto e voltou a atuar como conselheiro editorial. Em seu lugar, atualmente, está Carlos Machado de Freitas, também pesquisador da Ensp/Fiocruz.

Foto: Virgínia Damas (CCI/Ensp/Fiocruz)

O que mais lhe agrada nessa relação com a Editora Fiocruz?

RVS: Estar em uma posição na qual é possível acompanhar o desenvolvimento das ciências da saúde de uma maneira muito próxima e ajudar a construir esse campo. Além disso, é bastante instigante identificar novas ideias que podem ser disseminadas e mudar o jeito de ver e fazer a ciência, especialmente nas áreas da saúde, que têm um impacto muito direto na sociedade. Fazer parte dessa cadeia de produção de conhecimento e transformação social é bastante empolgante.

Gilberto Hochman

Editor científico

Quando começou a trabalhar na Fiocruz?

Gilberto Hochman: Trabalho na Fiocruz desde 1987, como pesquisador na área de história da saúde. Desde então, já desenvolvia atividades editoriais em periódicos publicados pela Fiocruz. Mas o primeiro contato com a Editora só ocorreu no ano 2000, quando fui chamado para ser editor de uma coleção nova (na época, é claro), a ***História e Saúde***. E, em 2011, fui chamado para trabalhar como editor científico.

Coleção que publica trabalhos originais e reedita estudos clássicos relacionados à história da saúde pública, da medicina e das ciências da vida.

O que faz um editor científico?

GH: Sou um dos responsáveis por cuidar da qualidade das obras publicadas pela Editora. Ao chegarem propostas, faz-se uma avaliação acadêmica para averiguar se os trabalhos se encaixam nos parâmetros estabelecidos. Analiso consultorias e pareceres, mantendo uma relação com o Conselho Editorial. Também tenho atuação no estabelecimento das políticas editoriais juntamente com o Conselho e a Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC/Fiocruz).

O que mais lhe agrada em sua função?

GH: O processo de leitura dos originais é bem interessante, assim como a leitura dos pareceres... O livro é um processo coletivo e, quando ele está pronto, é muito bom saber que você fez parte disso. Mas também há um lado negativo, quando, por exemplo, recebemos originais de colegas que não serão aprovados. Geralmente, são obras muito boas, mas pouco pertinentes em relação ao conteúdo publicado pela Editora. Podemos também enviar sugestões para o autor, como, por exemplo, publicar uma série de artigos em vez de um livro.

João Canossa

Editor executivo

O que faz o editor executivo?

João Canossa: Gosto de pensar que meu trabalho aqui na Editora é como o de um maestro em sua orquestra; enquanto o maestro ocupa-se com os músicos e seus instrumentos, eu lido com os envolvidos na produção do livro. Coordeno o processo editorial em todas as etapas, desde que os originais entram na Editora até o momento em que os livros estão prontos para o público. Com isso, relaciono-me com autores, leitores, livreiros e demais parceiros dentro e fora da Fiocruz, como o **SciELO Livros** e outras editoras, especialmente as filiadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (**Abeu**).

O portal http://livros.scielo.br reúne várias editoras universitárias e oferece centenas de livros em formato eletrônico (PDF e Epub), tanto em acesso aberto como em acesso comercial, com preços reduzidos.

Congrega mais de 100 editoras universitárias de todo o Brasil, com o objetivo de promover a cultura e socializar o conhecimento por meio da produção e difusão do livro universitário. (www.abeu.org.br)

Como chegou à Editora Fiocruz?

JC: Fui chamado à Editora para ser coordenador executivo quando ela tinha dois para três anos. Primeiramente, fiquei bastante surpreso com a oferta, já que era um cargo de confiança, que exigia bastante traquejo político, mas acabei por aceitá-lo. Naquela época, nós da Editora ficávamos no prédio da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), concentrados em três pequenas salas: tínhamos o estoque (com um estoquista), uma secretária administrativa, um revisor e eu, o coordenador executivo. Com o passar dos anos, a Editora foi progredindo em pessoal e infraestrutura, com cada vez mais livros publicados, e se mudou para um espaço maior no andar térreo do prédio da Expansão da Fiocruz. Nessas instalações, que foram reformadas em 2011/2012, nos encontramos até hoje, com uma equipe de pouco mais de 20 pessoas

Você trabalha na Editora desde antes da popularização do computador. Como eram as rotinas naquela época?

JC: Antes da chegada do computador, utilizávamos outras ferramentas, como, por exemplo, o **fotolito**, para a produção dos livros. Era um processo mais lento e manual. Contudo, a introdução de novas tecnologias e equipamentos mais modernos não eliminou totalmente o caráter artesanal dessa atividade. Publicar livros não é uma ciência exata: envolve todo um processo com os autores, revisão do texto, criação do projeto gráfico etc.

Mídia intermediária entre a arte final e o impresso, consiste em um filme transparente usado como matriz para a impressão de qualquer material gráfico.

Quanto tempo, em média, demora a produção de um livro?

JC: Na realidade, isso depende de muitas variáveis, inclusive do orçamento da Editora. Depois que recebemos os originais, precisamos que sejam avaliados pelos pareceristas. Uma vez aprovado, o livro entra em revisão – os revisores não só fazem uma correção ortográfica e gramatical, como também auxiliam os autores a expressarem suas ideias com mais clareza. O tempo que isso demora depende da quantidade de alterações a serem feitas e da própria disponibilidade dos autores para esse diálogo. Utilizando uma estimativa, livros médios levam em torno de 5 a 6 meses para ficarem prontos.

Como é decidido o preço de capa de um livro?

JC: O preço de capa é baseado nos custos fixos – infraestrutura, salários etc. – e nos custos variáveis – número de páginas do livro, se é colorido ou preto e branco etc. Em nossa programação anual, buscamos equilibrar os custos fixos e variáveis . O grande desafio da Editora é permitir que ela se autossustente com livros de preços acessíveis, até porque nosso maior objetivo é a disseminação do conhecimento científico.

Qual é a melhor parte de ser editor executivo?

JC: Devo confessar que ser editor é um trabalho bastante cansativo, mas, quando vejo, por exemplo, um aluno com um livro, sinto-me muito feliz e grato. Acredito que o livro pode mudar as pessoas e os contextos. Ele tem esse poder transformador.

Renata Maués

Assistência às editorias

Qual sua formação?

Renata Maués: Sou formada em Belas Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Fiz algumas especializações, a mais recente delas em divulgação da ciência, da tecnologia e da saúde, no **Museu da Vida**.

Espaço de integração entre ciência, cultura e sociedade, tem por objetivo informar e educar em saúde e C&T de forma lúdica e criativa, através de exposições permanentes, atividades interativas, multimídias, teatro, vídeo e laboratórios. Uma iniciativa da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), funciona como um polo de lazer, cultura e educação, ampliando a compreensão e a participação do público em questões ligadas à saúde e à C&T.

Como é prestar assistência às editorias?

RM: Auxilio os editores na gestão editorial, acompanhando os livros desde a chegada dos originais à Editora até o envio para a gráfica. Faço o atendimento a autores interessados em publicar seus livros pela Editora Fiocruz. Informo a eles sobre as etapas e as exigências do processo editorial. Também sou responsável por entrar em contato com dois ou mais pareceristas, de acordo com as deliberações de editores e conselheiros. Os pareceristas – que não sabem quem são os autores e vice-versa – devem preencher um formulário de avaliação da obra. E, depois, sou eu quem encaminha uma resposta consolidada aos autores, com o aceite ou a recusa do livro. Mesmo quando a resposta é positiva, geralmente, os pareceristas sugerem mudanças: não há livro 'perfeito'. Só após os ajustes feitos pelo autor é que o livro entra efetivamente em produção, o que envolve revisores e programadores visuais. Sou uma espécie de intermediária.

A paraense Renata Maués trabalhou na Editora Fiocruz de 2006 a 2013, quando decidiu retornar a Bélem. Após sua saída, Geiza das Neves, carioca e formada em Tecnologia em Processamento de Dados pela Universidade Castelo Branco, assumiu a função de assistente das editorias.

Como é a reação dos autores diante de uma recusa?

RM: Acho que tem sido a parte mais delicada do trabalho ao longo **desses sete anos na Editora**. É compreensível que fiquem chateados, embora, desde o início do processo, estejam informados de que podem receber um 'não'.

E qual a melhor parte do trabalho?

RM: Gosto de saber que o livro 'passou' por mim e que será útil a outras pessoas.

Marcionílio Cavalcanti de Paiva

Preparação de originais, copidesque e revisão

Qual sua principal função na Editora?

Marcionílio Cavalcanti de Paiva: A de executar todo tipo de melhoria nos textos que me são entregues e que serão publicados em formato de livro. Minha função é torná-los o mais compreensível possível para os leitores. Busco eliminar possíveis erros, inconsistências e outros problemas existentes, respeitando sempre o estilo do autor e sugerindo modificações quando necessárias.

Que tipo de problema você encontra?

MCP: São de toda ordem, longe de se limitarem apenas à correção ortográfica/gramatical. Estendem-se ao que se relaciona à falta de elementos que obrigatoriamente têm que constar de um livro, como sumário, minicurrículo do autor, texto da apresentação, da orelha, da quarta capa. Dizem respeito também à hierarquia de títulos e subtítulos, a notas de rodapé imensas e excessivas, a imagens e gráficos sem a resolução mínima solicitada e sem fontes, sem deixar de mencionar os prazos estipulados para a finalização do trabalho para que este siga para a gráfica.

Então você lida diretamente com os autores?

MCP: Sim, é fundamental esse contato permanente, seja via e-mail, Skype, telefone ou outro canal de comunicação. Assim, todas as dúvidas e pendências podem ser sanadas, o que agrega valor ao produto final, traz satisfação a seus realizadores e atinge seu objetivo maior, o público a que se destina.

Desde quando trabalha na Editora?

MCP: Desde que foi criada, em 1993. Fui o primeiro integrante da linha de produção e brinco dizendo ter ajudado a cimentar os primeiros tijolinhos dessa construção. Não havia equipe, nenhum parceiro ainda. Além de mim, apenas o coordenador

inicial. Sinto-me orgulhoso por ter tido a oportunidade de acompanhar todos os passos da evolução da Editora ao longo desses mais de 20 anos de existência, desde sua origem até seu já consolidado lugar no mercado editorial.

Como era no começo?

MCP: O começo foi de bastante dificuldade, como quase tudo o que é novo. A concretização da ideia do ex-presidente Paulo Buss foi louvável numa instituição de ponta como a nossa, que carecia dessa iniciativa. No início, com a Editora ainda engatinhando, não havia sequer instalações próprias. Não havia infraestrutura adequada. A primeira sala em que trabalhei, com iluminação e acomodação precárias, ficava no primeiro andar do Castelo. O trabalho era árduo e lento, executado de forma solitária, à caneta e nos originais impressos, pois não dispunha de computador. Em 1994 as coisas começaram a fluir melhor: a antiga Secretaria de Desenvolvimento Educacional (SDE/Ensp) cedeu algumas salas para que a Editora pudesse se instalar provisoriamente, o que acabou perdurando por seis anos.

E depois?

MCP: Passei então a trabalhar numa sala apropriada para revisão, ao lado da revisora da SDE, que me acolheu da melhor maneira possível. Novos integrantes, como Roberto e Jurema, chegaram para dar apoio. Os demais componentes, inclusive revisores, foram chegando aos poucos. Com o Edmilson pude aprender muita coisa desse novo universo pra mim, uma vez que ele vinha de experiências em editoras como Record, Nova Fronteira e Guanabara Koogan, entre outras. Passados mais ou menos dois anos, em seu lugar entrou o João, que aos poucos imprimiu sua marca e deu novo e definitivo impulso para o crescimento da Editora como ela é hoje, uma editora acadêmica reconhecidamente conceituada.

Gosta de trabalhar aqui?

MCP: Sim. Hoje em dia não consigo me imaginar trabalhando em algo distante do mundo editorial, da revisão de textos, do qual me tornei um apaixonado. Mas nem sempre foi assim. Quando fui ‘pinçado’ para a Editora, não me senti nem um pouco à vontade – era jornalista com experiência de muitos anos em assessoria de imprensa.

O que mais gosta em sua função?

O que mais aprecio é o fato de saber que de uma forma ou de outra faço parte de uma engrenagem que contribui para disseminar conhecimento de qualidade em um país onde a leitura ainda está longe de ser estimulada, onde a cultura ainda é privilégio de uma reduzidíssima parcela da população, ao contrário do que se vê nos países mais avançados.

Cecilia Moreira

Preparação de originais, copidesque e revisão

Você chegou à Editora Fiocruz pouco depois de ela ter sido criada. Portanto, acompanhou de perto (de dentro, na verdade!) nosso desenvolvimento. Ao longo dessa trajetória, o que você destacaria como as principais conquistas – da Editora como um todo e, particularmente, do setor de revisão?

Cecilia Moreira: Foram muitas as conquistas da Editora e em muitas direções – espaço, pessoal, instalações, parcerias em projetos de várias naturezas (a exemplo do portal SciELO Livros e do programa de televisão *Ciência & Letras*), reconhecimento intra e extramuros, prêmios, participação em congressos e outros eventos de ciência, saúde e cultura, sem mencionar o catálogo com quase 400 títulos. Quando cheguei, além do coordenador executivo e de um revisor, havia mais três funcionários que lidavam com questões administrativas. Todos nós dispúnhamos de duas salas mínimas no prédio da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e dois computadores (um apenas com internet discada). A comunicação com autores se fazia pelo telefone (quando eram encontrados...) e pelo correio (quando os originais com as correções feitas pelo revisor/autor não se extraviavam...). Para a revisão, de um lado, a ampliação dos serviços da internet, a conquista de equipamento e de novos profissionais foram muito importantes. De outro, o reconhecimento obtido pela Editora nos espaços acadêmico-editoriais credencia o trabalho dos seus revisores, que têm seu fazer cada vez mais respeitado pelos autores

Alguns desafios permanecem e, certamente, novos desafios apareceram pelo caminho. Quais você destacaria – novamente, da Editora como um todo e, em particular, do setor de revisão?

CM: A distribuição dos livros ainda é um grande nó. Em termos de pessoal, é necessário contarmos com mais concursados. Equipamentos também podem melhorar. A questão do **livro eletrônico** é outro grande desafio a enfrentar. Para os revisores, considero importante haver mais recursos para promover a participação em congressos em que a Editora se faz presente, estabelecer contato direto com o setor de revisão de outras editoras científicas, ter acesso a cursos de aperfeiçoamento na área editorial.

Em 2013, a Faperj lançou um edital inédito, com o objetivo de apoiar editoras de instituições científicas e tecnológicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Um projeto apresentado pela Editora Fiocruz foi contemplado – e ele inclui o desenvolvimento de um e-book interativo baseado na obra *O Que É o SUS*, de Jairnilson Silva Paim.

Revisar livros acadêmicos, especialmente os do campo da saúde pública, não é a mesma coisa que revisar qualquer outro tipo de texto. Que habilidades específicas a função de revisor na Editora Fiocruz exige de seus profissionais?

CM: Não basta ao revisor ter apenas competência linguística, é necessário ter um bom capital cultural para identificar problemas relacionados ao conteúdo do livro a ser publicado. Com a pressão sobre os pesquisadores para que publiquem cada vez mais, muitas vezes o texto nos chega com muitas imprecisões conceituais.

Irene Ernest Dias

Preparação de originais, copidesque e revisão

Em que etapa o livro chega às suas mãos?

Irene Ernest Dias: Depois de aprovado pelo Conselho Editorial, os revisores são os primeiros profissionais a lê-lo.

E o que faz o revisor?

IED: Ele se encarrega dos textos dos originais que chegam à Editora para serem publicados como livros. Não trabalho com o conteúdo técnico – responsabilidade de autores, organizadores etc. – nem com a feitura do objeto livro – responsabilidade de editores, produtores etc. Cuido da forma e da apresentação do texto.

O que mais lhe agrada nessa função?

IED: Colaborar para que boas ideias – nem sempre expressas pelo autor de forma clara ou coesa – sejam transmitidas da melhor maneira possível.

Como você começou a trabalhar na Editora Fiocruz?

IED: Antes de chegar à Editora, já havia trabalhado para outros setores da Fiocruz. Também fazia freelas para outras editoras e instituições, revisando livros de arte e cultura. Até que fui fazer um curso na **Universidade do Livro** da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e, lá, conheci dois revisores da equipe da Editora Fiocruz, que me indicaram para alguns ***freelas***. Alguns anos depois, em 2005, surgiu uma vaga aqui e fui chamada.

Braço de ensino da Fundação Editora da Unesp, tem como objetivo oferecer aos profissionais e futuros profissionais das áreas editorial, livreira e de bibliotecas oportunidades de introdução, aperfeiçoamento e progressão em seu campo de trabalho, por meio de cursos variados de curta e média duração.

Gíria brasileira para o termo em inglês *freelancer*, que designa o profissional autônomo que presta serviços para diferentes empresas ou realiza seu trabalho por projetos pontuais, captando e atendendo seus clientes de forma independente.

Myllena Paiva

Preparação de originais, copidesque e revisão

Como você descreveria suas atribuições?

Myllena Paiva: Como revisora, recebo os originais após a aprovação pelos pareceristas e cuido do tratamento do texto: meu desafio é torná-lo mais claro para o leitor, sem, no entanto, interferir no estilo do autor. Cuido da ortografia, sintaxe, semântica... Depois de diagramado, o livro retorna para a equipe de revisão – fazemos a leitura e checagem finais para que tudo saia certinho!

Você é uma das 'caçulas' da equipe de revisão. Como chegou à Editora?

MP: Sou formada em Letras – Português/Literaturas e, embora já tivesse ouvido falar na Editora Fiocruz, nunca tinha trabalhado na área da saúde. Por sugestão de uma pesquisadora conhecida, enviei meu currículo, fui chamada para um teste e, felizmente, contratada em dezembro de 2012. Estou muito satisfeita em poder contribuir para que os livros em saúde pública tenham textos mais claros, objetivos, coesos.

Augusta Avalle

Preparação de originais, copidesque e revisão

Que atividade você desenvolve na Editora?

Augusta Avalle: Como revisora, minha principal função é assegurar que os originais que recebo sejam adequados ao padrão de gramática e ortografia. Mas não apenas isso: sou também responsável por deixá-los mais claros e atrativos.

Como os livros chegam até você?

AA: Não pego o livro completamente 'cru': quando ele chega até mim, já passou pelo processo de triagem e emissão de pareceres. Após revisões, o material segue para diagramação, design e gráfica, e retorna para as minhas mãos – recebo as provas do livro e, em conjunto com a equipe de produção, faço os últimos ajustes necessários.

Como você chegou à Editora?

AA: Fiz um concurso para revisora de textos em 2010 e, no edital, não havia especificação do setor onde eu trabalharia. Fui convocada em fevereiro de 2013, quando a Diretoria de Recursos Humanos (Direh/Fiocruz) me informou que eu ficaria na Editora, a qual só passei a conhecer naquele momento! Até então achava que a Fiocruz trabalhava apenas com periódicos... Foi bom 'descobrir' a Editora Fiocruz, porque gosto de buscar soluções que tornem o texto do livro mais fluido e gostoso de ler.

Clarissa Bravo

Referências e índices

O que você faz na Editora Fiocruz?

Clarissa Bravo: Sou responsável pela normalização das referências, que são as fontes de estudo utilizadas pelo autor da obra, o que inclui livros, artigos, teses, dissertações e outros documentos. A normalização consiste em organizar e citar tais referências de acordo com normas previamente estabelecidas, de modo que o leitor possa identificá-las e localizá-las, caso se interesse pelos assuntos abordados no livro.

Em que etapa da produção do livro é feita a normalização?

CB: No início e no fim. Primeiramente, o revisor faz a decupagem, isto é, identifica e destaca as referências. Depois, faço o cotejamento: verifico se as citações encontradas no livro conferem com as referências apresentadas pelo autor. Por fim, coloco tudo conforme as normas adotadas pela Editora.

Há quanto tempo está na Editora?

CB: Comecei como bolsista há 8 anos. Como o número de livros publicados pela Editora aumentava, vim para ajudar os revisores, que, devido ao grande volume de trabalho, já não conseguiam dar conta de normalizar todos os livros.

O que é mais gratificante em sua função? E o que considera mais difícil?

CB: Levo para minha vida o que aprendo no cotidiano lendo as obras que normalizo. Certamente, isso enriquece minha cultura geral. Trabalhar com livros de ciências biológicas costuma ser um pouco mais complicado, por conta das nomenclaturas e outras especificidades.

Gislene Coimbra

Conferência de provas e digitação

Como você contribui para a produção do livro?

Gislene Coimbra: Sou digitadora. Os autores, hoje em dia, já entregam os originais digitados, mas, se houver algo a acrescentar, sou eu quem providencia. Também trabalho no caso de livros antigos que serão reimpressos ou reeditados, mas dos quais não temos os originais digitados. Além disso, ajudo a conferir, nas provas do livro, se todos os ajustes assinalados pelos revisores foram aplicados ao texto.

Que tipo de habilidade esse serviço requer?

GC: Antigamente, havia aquele velho curso de datilografia. Hoje, mudamos para o computador e é preciso muita habilidade com o teclado. Caso contrário, o trabalho não rende. Digitar um livro não é como preencher um formulário. Um formulário você pode preencher 'catando milho'. Um livro não. Se você tem experiência com as teclas, digita 100 páginas em duas semanas. Textos em inglês e tabelas exigem ainda mais destreza do digitador.

Há quanto tempo trabalha com isso?

GC: Cheguei à Fiocruz há 25 anos. Primeiramente, trabalhei no setor de Multimeios do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz). Há mais ou menos sete anos estou na Editora. Mas sempre atuei como digitadora. Gosto muito de digitar. Muito mesmo.

.

Carlota Rios

Projeto gráfico e editoração eletrônica*

O que faz um *designer* gráfico?

Carlota Rios: Ele é o profissional responsável por projetar visualmente a capa e o interior dos livros. O trabalho se divide em três etapas: a conceituação, a criação e a arte. O *designer*, o editor e os autores conversam e é definido o conceito artístico que norteará o projeto. Uma vez estabelecido esse conceito, começa a produção. Na prática, se a conceituação ocorre de maneira satisfatória, não há dificuldade durante o restante do processo.

Como chegou à Editora Fiocruz?

CR: Comecei a trabalhar aqui logo após a criação da Editora. Inicialmente, fui chamada como prestadora de serviços para alguns projetos, inclusive a capa de **um dos primeiros livros publicados**. Antes disso, já trabalhava em outras editoras, porém não especializadas em ciências e saúde.

Carlota Rios foi responsável pelo projeto gráfico e pela ilustração da capa do livro *Metamorfoses do Corpo: uma pedagogia freudiana*, lançado em 1995.

Existe diferença entre trabalhar para uma editora não-científica e uma editora científica?

CR: Sim, existe. Em uma editora acadêmica, o conteúdo é mais direcionado. Os livros da Editora Fiocruz, por exemplo, embora transitem entre diferentes temas, são sempre relacionados à saúde, o que requer um olhar atento para que os projetos gráficos não fiquem repetitivos e consigam contemplar as especificidades de cada obra. Contudo, o processo de criação se dá da mesma forma: a conceituação, a parte artística, a finalização, a produção gráfica etc.

*A Editora Fiocruz conta com dois *designers* gráficos em sua equipe: Carlota Rios e Daniel Pose.

Phelipe Gasiglia

Produção gráfico-editorial

Que atividade você desenvolve na Editora?

Phelipe Gasiglia: Realizo diversas funções relacionadas à produção do livro, a partir do momento em que o original é aprovado e entra em revisão. Paralelamente ao trabalho dos revisores e programadores visuais, lido com a elaboração e a assinatura dos contratos firmados entre a Editora e os autores; com autorizações relativas ao uso de imagens e textos; e com pagamento dos direitos autorais, que pode ser feito em espécie ou em livros. Antes da impressão e do acabamento do livro confiro as provas enviadas pela gráfica para ver se está tudo correto na confecção do nosso produto.

Como veio parar aqui?

PG: Navegando pela internet, encontrei o site da Editora, me interessei, enviei o meu currículo por e-mail e fui chamado para uma entrevista. Isso foi no segundo semestre de 2013. Sou formado em **Letras** (Inglês – Literaturas de Língua Inglesa) e tenho uma pós-graduação em **Editoração**. Trabalhava com **educação**, mas sempre quis trabalhar com livros.

A equipe da Editora Fiocruz é constituída por profissionais com formações e experiências variadas.

O que mais lhe agrada em sua função?

PG: A melhor parte é quando vejo o produto final e sei que fiz parte disso.

Sônia Pinho

Comercial

Qual sua função na Editora Fiocruz?

Sônia Pinho: Trabalho na área comercial, diretamente com os **livreiros e distribuidores**. Sou responsável por apresentar a eles as nossas publicações e, conforme o interesse deles pelos livros, providenciar o atendimento aos pedidos.

A Editora Fiocruz conta, atualmente, com a parceria de cerca de 30 livreiros e distribuidores em variadas localidades do país.

Há quanto tempo trabalha na Editora?

SP: Na Editora, trabalho desde abril de 1996. Mas estou na Fiocruz desde março de 1987. Ingressei na antiga SIC, a Superintendência de Informação Científica, atual Icict. Trabalhava lá na área administrativa e, em 1991, fui para a Vice-Presidência de Ensino, responsável por criar o setor que, hoje, se chama Coordenação Geral de Pós-Graduação. Então, em 1996, eu vim aqui para a Editora. Acompanho a trajetória da Editora desde que ela começou a ser pensada pelo sanitarista Paulo Buss, com quem eu trabalhava na época, em 1993.

Como surgiu a necessidade de se criar uma editora própria da Fiocruz?

SP: Na realidade, a Editora não é exclusiva para os pesquisadores da Fiocruz. Ela começou com autores da instituição, mas, hoje, já extrapolou os muros da Fundação e até as fronteiras do país – temos, inclusive, autores internacionais. Acho que ela surgiu da vontade de se transmitir o conhecimento produzido nas áreas da saúde.

Foi difícil levar esse projeto adiante?

SP: Eu não trabalhava na Editora quando ela foi criada. Quando cheguei, ela já tinha três anos. Havia e ainda há dificuldades, mas, batalhando e 'correndo atrás', a equipe tem conseguido ótimos resultados. Trata-se de um trabalho coletivo que tem

sido reconhecido. Temos livros considerados de excelência. Já conquistamos vários **prêmios Jabuti**. Somos uma editora de referência na área da saúde.

O Jabuti é considerado um dos prêmios literários mais importantes do Brasil. Em 2002, a Editora recebeu uma Menção Honrosa pelo livro *Febre Amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. De lá pra cá, já ganhou cinco estatuetas e teve outras nove indicações ao prêmio.

Qual sua formação?

SP: Minha formação é na área de relações públicas, o que contribui para minha atuação na área comercial.

Qual a parte mais difícil do trabalho no setor comercial?

SP: Nas relações comerciais com livreiros e distribuidores, o acerto e a prestação de contas, às vezes, são cansativos, mas nada que a gente não consiga resolver...

E o que mais lhe agrada em sua função?

SP: Gosto muito de ter contato com o público. O **Fale Conosco** da Editora, em grande parte, sou eu quem responde. Os contatos que a gente tem em eventos também são muito gratificantes: o público fala da importância das nossas publicações e elogia o trabalho da Editora.

O Fale Conosco é uma ferramenta que possibilita e facilita a comunicação entre a Editora e seus públicos. Com o objetivo de ampliar e agilizar ainda mais o contato com seus leitores, a Editora Fiocruz também está presente em redes sociais, como Facebook e Twitter.

Sonia Silva

Eventos

Qual é sua principal função dentro da Editora Fiocruz?

Sônia Silva: Sou uma das responsáveis por divulgar a Editora. Meu trabalho consiste em viabilizar a participação da Editora em eventos, como congressos científicos e feiras do livro. Em alguns eventos, montamos um estande próprio; em outros, integramos um estande coletivo, dividindo o espaço com outros setores da Fiocruz ou com outras editoras universitárias. Os eventos são importantes oportunidades para a exposição e a venda dos nossos livros, bem como para **o contato e as trocas** com nossos leitores. Porém, como a participação em eventos, em geral, envolve custo, é preciso selecionar aqueles cujo público é mais estratégico, de acordo com a missão e as áreas de atuação da Editora. É preciso também negociar, junto às entidades organizadoras dos eventos, qual será a localização do nosso estande e como será o mobiliário, de modo a garantir a visibilidade de nossos livros e o conforto de nosso público. E, como boa parte desses eventos ocorre em outros estados – e **mesmo em outros países** –, é preciso, ainda, planejar a viagem, o que envolve não só as passagens e a hospedagem do funcionário da Editora, mas também o transporte dos próprios livros.

Nos congressos da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), além de uma livraria da Editora Fiocruz, já é tradicional o Espaço Saúde & Letras. Fruto de uma parceria entre a Abrasco Livros e a Editora Fiocruz, o Espaço recebe autores e leitores para bate-papos e mostra de vídeos.

A cada ano, a Editora Fiocruz participa, em média, de 50 eventos, dentro e fora do Brasil. Em renomados eventos internacionais – como as feiras de Frankfurt e de Guadalajara –, costuma integrar o estande da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), juntamente com outras editoras associadas. Recentemente, em novembro de 2013, a convite da organização do evento, a Editora Fiocruz teve um estande próprio na 1ª Feira do Livro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizada em Angola.

Você gosta do que faz?

SS: Sim, já que gosto muito de desafios. O trabalho de divulgação é pesado; quando estou no escritório, sinto como se eu estivesse descansando. Estou para me aposentar, mas realmente gosto do que faço.

Como seu trabalho contribui para o funcionamento da Editora como um todo?

SS: O que faço é fundamental para que a Editora ganhe cada vez mais visibilidade: há 15 anos, quando cheguei à Editora, poucos a conheciam e, hoje em dia, ela é uma editora acadêmica

prestigiada em seu meio. Acredito que parte disso se deve a esse trabalho de divulgação. Além disso, muitas vezes, privilegiamos eventos que ocorrem nas **regiões do país mais carentes de livrarias**, pois um de nossos principais objetivos é favorecer e ampliar o acesso aos livros. Ou seja: temos um compromisso com a valorização da cultura do livro no Brasil.

No Brasil, um país com mais de 190 milhões de habitantes, existem apenas cerca de 3.500 livrarias, o que representa uma livraria para cada 54 mil habitantes – índice bem aquém do recomendado (uma livraria para cada 10 mil pessoas). Além de faltarem livrarias, as que existem estão concentradas no Sul e no Sudeste – quase 1.000 delas estão no Estado de São Paulo. Não há livrarias em 75% dos municípios brasileiros, percentual que chega a 84% e 80% nas regiões Norte e Nordeste, respectivamente.

Marcelo Pinto

Tecnologia da informação

Como é trabalhar na área de TI de uma editora?

Marcelo Pinto: Na verdade, tenho um *mix* de funções na Editora Fiocruz. Atualmente, especificamente na área de TI, estou envolvido no projeto de implantação de **uma loja virtual** para a Editora. Mas também atuo na interface com os departamentos de eventos e comercial.

A loja virtual está sendo criada pela Editora junto à Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec), cuja missão é prestar serviços de apoio logístico, administrativo e gestão financeira aos projetos da Fiocruz.

Esse *mix* de funções lhe agrada?

MP: Com certeza! Dificilmente fico parado e não estou restrito à área de informática. Lido com vendas e notas fiscais, conheço os autores e tenho contato com diferentes públicos nos eventos. Por exemplo, representei a Editora na 1ª Feira Internacional do Livro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Angola. Encontrei um público sedento por livros e fazer a produção da Editora Fiocruz chegar até ele foi realmente gratificante.

O que você fazia antes de vir trabalhar na Editora?

MP: Trabalhei durante muito tempo na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e vim transferido para a Editora há cerca de um ano e meio. Na Escola, o meu trabalho era mais circunscrito ao escritório, mas eu costumava ajudar a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) em eventos. Foi assim que conheci o trabalho da Editora Fiocruz.

Jonathan Lima

Livraria

O que você faz na Editora?

Jonathan Lima: Fico na **Livraria da Editora Fiocruz**. Além de acolher o público, seja na Livraria, seja nos eventos, também ajudo no atendimento das demandas de livreiros, distribuidores etc.

Funciona de segunda a sexta-feira, das 9h às 16h, no Prédio da Asfoc-SN (*campus* sede da Fiocruz).
Tel.: 2598-4231, ramal 219.

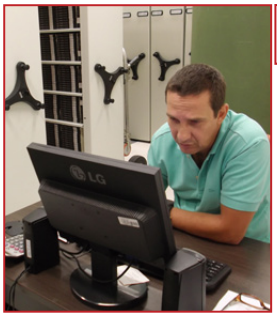
Há quanto tempo está na Editora?

JL: Há nove anos. Cheguei por intermédio do projeto **São Martinho**. Vim direto do Centro da Providência para cá.

São Martinho é uma entidade filantrópica que atua desde 1984 na cidade do Rio de Janeiro e atende crianças e jovens entre 6 e 18 anos de idade, em diversos níveis de vulnerabilidade social. Oferece atividades culturais e educativas, bem como preparação e inserção do jovem no mercado formal de trabalho.

E quais seus planos para o futuro?

JL: A Editora vem crescendo a cada ano e passando por mudanças. Temos muitos projetos. Completei o Ensino Médio e pretendo fazer curso superior de administração, para progredir na carreira e continuar contribuindo para os projetos da Editora.



Roberto Aguiar

Estoque e representação em eventos

Desde quando trabalha na Editora Fiocruz?

Roberto Aguiar: Desde a criação. Fui o segundo a chegar aqui, contratado para cuidar do estoque. A Editora, então, ainda funcionava no térreo da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz). Já faz tempo que nos mudamos para o **campus Expansão** da Fiocruz. Realmente, de lá para cá, muita coisa mudou... Hoje, tudo é informatizado. No início, só o chefe tinha computador!

Onde estamos: O *campus* sede da Fiocruz – que abriga o famoso Castelo Mourisco, a Ensp e outras unidades da Fundação – está localizado no bairro de Manguinhos (Rio de Janeiro/RJ), na pista sentido Centro da movimentada Avenida Brasil (nº 4365). Já o *campus* Expansão fica quase em frente, na pista sentido Zona Oeste (nº 4036). A Editora Fiocruz funciona hoje na sala 112 (térreo) do prédio da Expansão. O edifício, inaugurado em 1972 e originalmente projetado para ser um hospital, acabou virando a sede do Ministério da Saúde. Mais tarde, na década de 1980, foi incorporado à Fiocruz. A Livraria da Editora Fiocruz, por sua vez, funciona no campus sede da Fiocruz, no Prédio da Asfoc-SN.

Como é a rotina de cuidar do estoque?

RA: Entramos em ação na fase final de produção, quando os exemplares chegam da gráfica e precisam ser armazenados e disseminados, com mecanismos de controle para que saibamos, por exemplo, quais e quantos livros foram para cada distribuidor ou livraria. É um trabalho alinhado ao do setor comercial. Sou técnico em contabilidade, formação que muito me ajuda aqui na rotina do estoque.

E o contato com o público?

RA: Ah, sim... Também fazemos o atendimento a leitores que vêm comprar diretamente na Editora. Faz parte do trabalho esse contato com o público, inclusive nos eventos em que já representei a Editora.

Marcus Vinicius da Silva Lima

Estoque e representação em eventos

Como são as rotinas no estoque?

Marcus Vinicius da Silva Lima: Os setores comercial e de eventos recebem pedidos e nos repassam as demandas. Temos que separar e enviar os livros solicitados, nas quantidades estipuladas. Também preparamos as notas fiscais que acompanham os pedidos.

E o que mais?

MVSL: Precisamos controlar todos os exemplares que chegam e saem. Temos bastante fluxo de livros, tudo organizado em planilhas.

Como veio trabalhar aqui?

MVSL: Por meio do projeto São Martinho. Primeiramente, fiquei um mês cobrindo as férias de um colega. Gostaram do meu serviço e, mais tarde, fui contratado.

O que mais lhe agrada em sua função?

MVSL: Gosto muito de representar a Editora em eventos. Já participei algumas vezes da **Bienal do Livro do Rio**. Também já estive em outras localidades, como Minas Gerais e Niterói.

A Bienal do Livro é um dos maiores eventos literários do país, que vem sendo organizado um ano na cidade do Rio de Janeiro e outro ano na cidade de São Paulo desde 1983.

Jurema Camargo

Secretaria e administração

Como é seu dia a dia na Editora Fiocruz?

Jurema Camargo: Lido com toda a parte administrativa da Editora: gerenciamento de documentos, rotinas de secretaria etc. Trabalho também com a gestão de contratos, referentes a serviços prestados tanto por pessoas físicas (por exemplo, **tradutores**) como por empresas (o que inclui a gráfica onde nossos livros são impressos, contratada por meio de licitação).

Dos mais de 350 livros do catálogo da Editora Fiocruz, pelo menos um décimo envolve outras línguas, além do português.

Como seu trabalho contribui para o funcionamento da Editora?

JC: Controlo o **andamento financeiro** da Editora – e esta é uma parte muito importante!

A Editora Fiocruz não visa ao lucro. Ela não deixa, porém, de buscar sua autossustentabilidade – a receita obtida com a venda de seus livros é reinvestida na produção e disseminação de mais títulos.

Qual sua formação?

JC: Hoje, sou formada em gestão de Recursos Humanos. Eu trabalhava em um banco antes de vir para a Editora, onde cheguei em 1994. Meu tempo de serviço aqui é quase a idade da Editora. A equipe era muito pequena no início. Por isso, **aprendi a fazer e já fiz de tudo** na Editora, exceto revisão e projeto gráfico.

Na Editora Fiocruz, apesar da divisão do trabalho, todas as funções estão interligadas e exigem que os profissionais cooperem entre si para atingir o mesmo objetivo: o livro, sua produção e disseminação.

Gilberto Rodrigues

Serviços de apoio

Como começou a trabalhar na Editora Fiocruz?

Gilberto Rodrigues: Por meio do projeto São Martinho. Comecei como Jovem Aprendiz aos 15 anos e aos 18 fui contratado como funcionário efetivo. Ao todo, já são mais de oito anos trabalhando aqui.

Qual sua principal função na Editora?

GR: Trabalho no apoio administrativo: entrega de documentos e livros, reposição de estoque e suporte ao sistema de **vendas *on-line***.

Desde 2011, o *site* da Editora Fiocruz oferece a modalidade de compra por boleto bancário *on-line*, o que facilita a aquisição de seus livros, em especial para leitores de cidades onde ainda não há livrarias ou distribuidores parceiros.

Como funciona esse sistema?

GR: Acompanho a geração e o pagamento dos boletos bancários pelos clientes e providencio a entrega dos livros e **DVDs** adquiridos. É um serviço que requer atenção e agilidade, para que as expectativas de nossos leitores sejam atendidas da melhor maneira possível. É a parte de que mais gosto em meu trabalho.

Além dos livros, também é possível adquirir junto à Editora Fiocruz os DVDs do selo Fiocruz Vídeo, criado pela VideoSaúde Distribuidora (Icict/Fiocruz) para popularizar e democratizar o conhecimento a partir de produções audiovisuais com diferentes olhares sobre a saúde pública (www.fiocruz.br/fiocruzvideo).

Foto: Ascom/Canal Saúde

Arlindo Fábio Gómez de Sousa

Superintendente do Canal Saúde

Como avalia a parceria entre o Canal Saúde e a Editora Fiocruz?

Arlindo Fábio Gómez de Sousa: A **parceria do Canal com a Editora** é uma prática salutar, feita também com outros veículos, como, por exemplo, com a **revista *Radis***. Aqui na Fiocruz uma iniciativa apoia a outra: televisão, internet, jornais, revistas... – decorrente da estratégia de comunicação adotada pela instituição. Cada um em seu 'nível de aprofundamento'. Com isso, cria-se um ciclo, no qual as diferentes mídias se complementam e fortalecem mutuamente.

Emissora de televisão do Sistema Único de Saúde (SUS), sediada na Fiocruz, o Canal Saúde (www.canal.fiocruz.br) tem em sua grade um programa que é fruto de parceria com a Editora Fiocruz. Trata-se do *Ciência & Letras*, um programa de entrevistas que, a cada edição, coloca em debate um novo tema relacionado ao universo dos livros e das diferentes formas de conhecimento.

A *Radis* (www.ensp.fiocruz.br/radis) é fruto de um programa nacional de jornalismo crítico e independente em saúde pública, iniciado em 1982, na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz). Com periodicidade mensal e enviada gratuitamente para mais de 70 mil assinantes em todos os municípios do país, a revista compreende o papel estruturante da comunicação no exercício da cidadania e na garantia do direito à saúde, em sentido ampliado, incluindo qualidade e condições de vida.

Como funcionam esses "níveis de aprofundamento"?

AFGS: Alguns veículos são responsáveis por apresentar o conteúdo de forma mais simples e rápida. Eles funcionam como motivadores – quem ficar interessado em se aprofundar naquele assunto pode fazê-lo consultando outras fontes. Acredito que a TV deve inquietar as pessoas e não dar respostas; sua principal função é chamar a atenção para determinados temas e colocá-los em debate, apresentando uma amostra de diversos pontos de vista. Já o livro, especialmente o livro acadêmico, é um produto autoral que defende uma posição com argumentos fundamentados em pesquisa científica. Nesse campo, a Editora Fiocruz é responsável por abrir espaço e dar visibilidade para obras importantes que, em geral, não são publicadas por editoras comerciais. Além disso, responde à visão da Fiocruz de que o conhecimento produzido por uma instituição pública deve ser acessível a qualquer cidadão.

Como os cidadãos se apropriam desse conhecimento?

AFGS: Acredito que a ampla divulgação de informações em saúde é um dos fatores decisivos para a adoção de hábitos de vida saudáveis. Não quero dizer com isso que a comunicação

saúde deva produzir um 'adestramento' das pessoas. Defendo que a informação é um direito fundamental, intrínseco ao exercício da cidadania. A população tem o direito de estar ciente dos riscos aos quais está exposta no seu dia a dia. Acesso a informações qualificadas é essencial para que as pessoas façam suas escolhas de forma consciente e defendam seus interesses.

Mas a comunicação não é algo unilateral. Ela é um processo de mão dupla...

AFGS: É preciso reconhecer que os saberes sobre a saúde não estão restritos a apenas um lugar e, nesse sentido, a comunicação em saúde é um processo de mão dupla: diferentes saberes precisam dialogar entre si. Na saúde há um saber multicêntrico, resultante de um conjunto complexo de dimensões. É o que acontece, por exemplo, em alguns hospitais na Amazônia, onde se pratica o convívio entre a chamada medicina científica e os rituais de cura dos pajés.

Qual a expectativa em relação ao futuro da parceria entre o Canal e a Editora?

AFGS: A melhor possível! Considero-a exemplar para a Fiocruz e para instituições acadêmicas que ainda não mantêm esse tipo de colaboração. No entanto, ainda podemos avançar bastante no que tange à variedade de conteúdos. Gostaríamos de investir mais em áreas como produção de alimentos, meio ambiente e arte, por exemplo, de forma a abarcar o conceito ampliado de saúde. Considero estratégico também trazer para o *Ciência & Letras* a produção de outras editoras universitárias.

Claudia Lima

Analista de gestão em saúde da VideoSaúde Distribuidora

Quais os pontos fortes da parceria entre a VideoSaúde e a Editora Fiocruz?

Claudia Lima: Destaco a promoção do acesso à informação em saúde e o valor que é agregado a essa informação quando as linguagens do audiovisual e do livro se complementam.

Em sua opinião, no futuro, como essa parceria entre vídeo e livro pode se fortalecer ainda mais?

CL: Acredito que é importante avançar nas estratégias conjuntas de circulação e comunicação dos catálogos, o da **VideoSaúde** e o da Editora. Planejar ações de divulgação que coloquem lado a lado livros, autores, vídeos e diretores que tratam das mesmas temáticas. Com participação ativa dos usuários dessa informação, os cidadãos, para que eles se apropriem de nosso trabalho e o avaliem criticamente. É preciso continuar avançando com essa perspectiva!

Coordenada pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz), a VideoSaúde atua na pesquisa, captação, catalogação, produção, fomento e distribuição de produtos audiovisuais, de forma a contribuir para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e a melhoria das condições de vida e saúde da população brasileira.
Tels.: (21) 3882-9109/9110/9111.

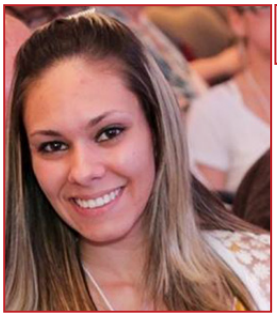


Foto: Reprodução Facebook

Amanda Ramalho

Coordenadora operacional do SciELO Livros

Como você avalia a parceria entre o SciELO e a Editora Fiocruz?

Amanda Ramalho: Muito positiva, pois a parceria entre o SciELO e a Fiocruz valoriza a comunicação acadêmica por meio dos livros e pelo fato de tratar-se de uma parceria entre duas instituições reconhecidas pela liderança em suas áreas de atuação. O **SciELO** desenvolve a comunicação acadêmica por meio de periódicos de qualidade há anos e contribui decisivamente para aumentar o reconhecimento da produção científica brasileira. O projeto **SciELO Livros** visa aos mesmos objetivos para os livros acadêmicos. O apoio da Fiocruz, que possui uma grande experiência e reputação na área editorial, tem sido essencial para o avanço do projeto SciELO Livros.

O SciELO (Scientific Electronic Library Online), que compreende uma biblioteca eletrônica com uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, é um projeto cujo objetivo é o desenvolvimento de uma metodologia comum para preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico.

Em março de 2012, entrava no ar o portal SciELO Livros (http://books.scielo.org/), fruto de uma parceria do SciELO com três editoras universitárias brasileiras: a Editora Fiocruz, a Editora Unesp e a Edufba. Passados três anos, mais seis editoras universitárias do país aderiram ao projeto e o portal já oferece mais de 350 *e-books* em acesso aberto, que contabilizam cerca de 34,6 milhões de *downloads*.

Na sua opinião, quais os desafios dessa parceria para um maior fomento e uma maior valorização do livro acadêmico brasileiro?

AR: O primeiro grande desafio foi desenvolver a metodologia de publicação digital *on-line* de acordo com o estado da arte e abrir, assim, uma solução comum para as editoras acadêmicas do Brasil. Essa metodologia se aplica tanto aos livros já preparados em formato digital como às obras impressas até então esgotadas. O *e-book* tornou os livros incluídos na coleção SciELO acessíveis em todos os dispositivos e uma parcela deles em acesso aberto. O segundo desafio foi o estabelecimento de parcerias com as principais companhias, portais e sistemas de intermediação e disseminação de livros acadêmicos. Os livros da coleção SciELO estão acessíveis nos principais portais e sistemas de indexação e publicação de livros. O terceiro desafio em processo de solução refere-se à avaliação do desempenho das editoras e dos livros segundo métricas de acesso e citações.

Foto: Rayssa Guedes (Agenda Arte e Cultura/Ufba)

*Flávia Rosa**

Diretora da Edufba

Como avalia a importância das coedições para uma editora universitária?

Flávia Rosa: Em um país com as dimensões territoriais do Brasil, dadas as dificuldades de uma distribuição ampla e eficaz por parte das editoras consideradas 'independentes' e, também, das editoras universitárias, a coedição contribui para ampliar a divulgação e circulação da obra publicada. Sobretudo quando a coedição se dá entre uma editora localizada em uma região menos central do país e outra que esteja no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, onde se concentra a indústria editorial brasileira e um considerável mercado consumidor de livros, quiçá o maior.

Como tem sido a experiência da Edufba?

FR: A Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), ao longo de seus mais de 20 anos, tem realizado diversas coedições, prioritariamente com outras editoras universitárias. Tais parcerias têm ocorrido com editoras localizadas no próprio estado da Bahia, por entendermos que as parcerias locais fortalecem as relações e promovem nossos autores em outras regiões do estado. Todavia, nosso número maior de coedições tem sido celebrado com várias editoras universitárias nacionais, filiadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu). São momentos em que se estabelece um processo de compartilhamento da produção do livro com resultados benéficos para todos, o que reduz os custos de produção e, como já afirmado, amplia a circulação e visibilidade. Ganham todos, especialmente o livro, os autores e, mais importante, os leitores!

*O texto desta entrevista foi baseado em depoimento de Flávia Rosa para a *Revista de Manguinhos* sobre a importância das coedições (edição 26, abril de 2013).

Como avalia as coedições com a Editora Fiocruz?

FR: Particularmente com a Editora Fiocruz fizemos várias parcerias de sucesso. E para a Edufba essas coedições são de extrema importância, tanto pela qualidade que a Editora Fiocruz agrega, como pela oportunidade de fazer circular de modo ampliado o conhecimento em saúde, que é também área de destaque de pesquisa na Ufba.

Foto: Flaviano Quaresma (Simbravisa/Abrasco)

Inez Damasceno Pinheiro

Gerente comercial da Abrasco Livros

Como você descreveria a importância da parceria entre a Abrasco Livros e a Editora Fiocruz?

Inez Damasceno Pinheiro: É uma parceria fundamental e construída desde a criação da Abrasco Livros. A Editora Fiocruz apresenta um catálogo de grande importância para a saúde coletiva, com publicações de qualidade, que são referências para os nossos leitores. Isso demonstra a relevância de mantermos uma comunicação direta, permitindo que a **Abrasco Livros** seja um importante canal de distribuição da Editora Fiocruz e, muitas vezes, sinalize para a Editora alguns temas importantes para novas publicações e reimpressões. Essa parceria se estende aos eventos promovidos pela Abrasco, o que nos possibilita fazer com exclusividade lançamentos editorais com a presença de autores e congressistas.

A Abrasco Livros é a livraria da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Funciona no térreo do prédio da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz). Endereço: Rua Leopoldo Bulhões, 1.480, sala 129, Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ. *Site*: www.abrascolivros.com.br | *E-mail*: livraria@abrasco.org.br | Tels.: (21) 2590-2073 e 2598-2526

Em sua opinião, quais as principais dificuldades hoje para a distribuição do livro acadêmico?

IDP: A distribuição hoje está muito focada no volume de vendas que uma editora possa produzir para o distribuidor, que considera também outras variáveis, como custo de frete, valor mínimo de pedidos e faturas. Embora a produção acadêmica venha ganhando mais espaço a cada ano, o livro acadêmico, em relação aos chamados *best-sellers*, fica abaixo dessa estimativa do distribuidor.

Como a parceria da Abrasco Livros com a Editora Fiocruz pode contribuir para superar essas dificuldades?

IDP: Além da Abrasco Livros ser uma livraria especializada em saúde coletiva, existem outros pontos que favorecem a distribuição, como a proximidade geográfica entre a nossa livraria e a sede da Editora Fiocruz, o que possibilita agilidade no atendimento. As publicações da Editora Fiocruz ficam expostas

com destaque na Abrasco Livros. Na parte comercial, conseguimos repassar parte de nosso desconto ao leitor, reduzindo, assim, o preço de catálogo – atualmente, concedemos, pelo menos, 20% de desconto em qualquer publicação da Editora Fiocruz. Temos hoje também uma ferramenta importante para auxiliar na divulgação e comercialização das publicações da Editora Fiocruz: a livraria *on-line* (www.abrascolivros.com.br), que nos permite atender ao leitor fora do *campus* da Fiocruz, com entregas pelos Correios, sem custo adicional.

Parte II: A Editora Fiocruz é feita de livros

A Editora Fiocruz e o SUS*

Na ocasião em que o Sistema Único de Saúde (SUS) completava 25 anos e a Editora Fiocruz chegava aos 20, foi oportuno analisar as conexões entre a trajetória de um e o catálogo da outra. Para tanto, especialistas de diferentes áreas selecionaram títulos por eles considerados especialmente importantes para refletir sobre a saúde pública brasileira e os caminhos do SUS. Os depoimentos a seguir revelam um pouco do SUS que se lê na Editora Fiocruz.

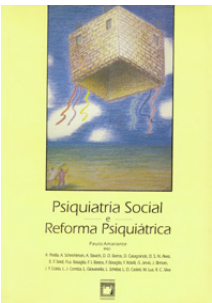
"Participei diretamente da criação da Editora Fiocruz. À época era vice-presidente de Ensino e Informação da Fiocruz e a necessidade de uma editora que tivesse como foco a saúde nas suas diversas dimensões era um consenso. Começamos, como tudo, pequenos. Havia teses a serem transformadas em livros, pois queríamos evitar traduções, priorizando a produção local (brasileira e da Fiocruz). Desde então, a Editora Fiocruz cresceu de forma espantosa. Tem sido a grande divulgadora das produções editoriais mais vinculadas com a trajetória e as necessidades do nosso SUS. As diversas dimensões da saúde têm sido abordadas: saúde pública, ciências sociais, humanas e políticas aplicadas à saúde, ciências biológicas e biomédicas. Os autores mais destacados têm publicado com a Editora. Um sistema de *peer review* tem sido adequadamente aplicado e, agora, o sistema de livre acesso, que a meu ver deve ser implementado, vai garantir as obras da Editora como 'bem público nacional', o que de fato já são. Assim que, ao comemorarmos os 25 anos do SUS, temos que comemorar também as diversas instituições que participaram de sua construção. E a Editora Fiocruz indiscutivelmente é uma delas."

Paulo Buss, ex-presidente da Fiocruz

---

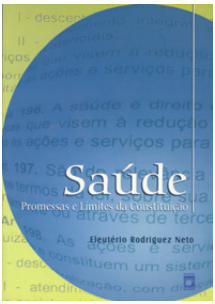
* Material originalmente publicado na Revista de Manguinhos (edição 28, novembro de 2013).

"Era um bonito fim de tarde, como ocorre nos belos romances e histórias. Ao lado esquerdo do Castelo de Manguinhos, ainda iluminado pelos raios de sol mesclados com as luzes das lamparinas, a Rio Jazz Orchestra, comandada pelo próprio Marcos Szpilman, executava um clássico de Paulo Moura. Era um cenário cinematográfico! Guardo com grande emoção este momento, pois tive a possibilidade histórica de ter um de meus livros incluído no primeiro lançamento da Editora Fiocruz. Bem, na verdade, não era, rigorosamente, um livro meu, mas um livro que organizei. Tratava-se de *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica* (1994), uma coletânea que tinha como objetivo fornecer os principais fundamentos para os trabalhadores do campo da saúde mental que atuavam na rede pública e precisavam de subsídios para poder participar do processo de transformação das instituições psiquiátricas. Com o objetivo de elaborar um livro que pudesse ser referência para o processo de formação desse novo cenário de atenção psicossocial, o lançamento de *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica* representou um marco neste sentido, e não é sem motivos que este livro é repetidamente reimpresso desde então, desde 1994. Posteriormente, a possibilidade de criação de uma coleção dedicada ao campo, como é a coleção *Loucura & Civilização*, permitiu que grandes autores fossem atraídos a publicar seus livros na Editora Fiocruz."



Paulo Amarante, psiquiatra, sanitarista, professor e pesquisador titular da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), onde coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (Laps)

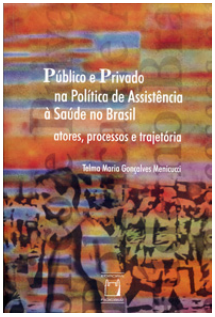
"Dentre os muitos excelentes livros lançados pela Editora Fiocruz seleciono um que está diretamente relacionado com a história da Reforma Sanitária brasileira e de nosso SUS. Refiro-me a *Saúde: promessas e limites da Constituição* (2003), de Eleutério Rodriguez Neto, nosso Leleco. É a análise de quem viveu a pré e a Constituinte de 1988, em especial no que diz respeito à seguridade social e nela a saúde. Eleutério, desde a Universidade de Brasília (UnB), acompanhou passo a passo o processo Constituinte e, mais do que isso, participou ativamente dos debates, assessorando parlamentares e organizações da sociedade. Quem teve o privilégio de compartir com ele a militância na saúde sabe ler suas palavras no texto que hoje está na Constituição brasileira. Ler seu livro é obrigatório para quem pretende entender o processo da Assembleia Nacional Constituinte de 1988 e as origens do SUS."



Arlindo Fábio Gómez de Sousa, sociólogo e sanitarista

"Trabalhar no SUS é entrar em contato com a eficácia das políticas do Ministério da Saúde, diante da complexidade dos casos que chegam às unidades de atendimento. Os pacientes nos revelam problemas que exigem uma capacidade de enfrentamento e encaminhamento de soluções que não existem prontas na rede de atendimento e, diante disso, precisamos inventar a melhor forma de dispor dos recursos disponíveis e escassos. A Fiocruz, nesse cenário, assume um protagonismo reconhecido nacional e internacionalmente, estabelecendo-se como entidade, por excelência, de divulgação de resultados na área da saúde. O acervo da Fiocruz apresenta uma riqueza de conteúdo, pois nele estão as produções intelectuais do SUS, imprescindíveis para todos que desejam conhecer essa trajetória de 25 anos de luta por uma saúde cada vez melhor. Exemplo é a publicação de Carlos Octavio Ocké-Reis, *SUS: o desafio de ser único* (2012), onde o autor propõe um debate acerca de uma reforma no sistema de saúde brasileiro que priorize o SUS na distribuição dos recursos e (re)afirme os fundamentos de constituição do SUS, principalmente as pretensões de unicidade e universalidade. Na área da saúde mental, nos brinda com a obra de Bernadete Maria Dalmolin, *Esperança Equilibrista: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico* (2006), que, a partir da reflexão sobre sua experiência como profissional do SUS, questiona as práticas dos serviços pós-reforma psiquiátrica, que repetem formas antigas de tratar os transtornos psíquicos e não conseguem avançar no fortalecimento de um sujeito cidadão, embora ele não deixe de ser um paciente com desordem psíquica. Festejar o SUS não significa não olhar seus problemas. Festejar o SUS significa olhar para todos os profissionais que prestam o atendimento diário à população, que pesquisam, estudam, escrevem e divulgam suas experiências, contribuindo para a melhoria permanente do sistema."

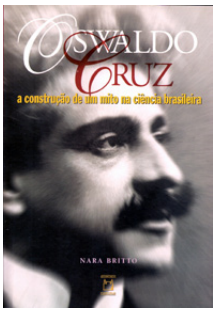
Angela Maria Pagot, psicóloga, pesquisadora e autora do livro *O Louco, a Rua, a Comunidade: as relações da cidade com a loucura em situação de rua* (2012)

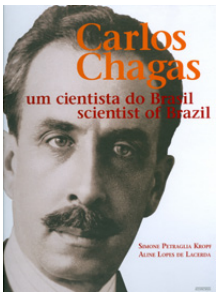


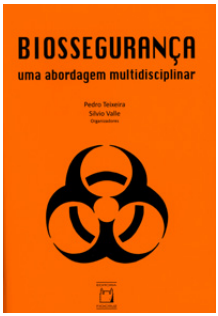
"Se eu tivesse de indicar apenas um título da Editora Fiocruz – porque há tantos que são verdadeiras contribuições para compreendermos o SUS –, indicaria o livro de Telma Menicucci, *Público e Privado na Política de Assistência à Saúde no Brasil: atores, processos e trajetórias* (2007), por conter argumentos relevantes para pensarmos alguns dos dilemas atuais do SUS. Por exemplo, a autora mostra como as escolhas de políticas feitas especialmente pelo regime militar – com suas políticas de incentivo – criaram, literalmente, o setor privado de saúde no Brasil, antes bastante incipiente. Dito de modo mais enfático, tratou-se de uma escolha deliberada daquele governo de não criar uma rede própria, isto é, pública de atendimento. Muitos são os efeitos dessa decisão do 'passado' para o 'presente' e o principal deles é, no meu entender, o dilema da dualidade entre um sistema público e outro privado, que, como argumenta a autora, não é uma criação da onda neoliberal da década de 1990 no Brasil. De modo similar, explica-se a adoção do gasto privado em saúde subsidiado pelo poder público, outra das heranças do regime militar que permanece inquestionável até hoje. A dualidade de um sistema público e outro privado produz clivagens adversas à organização de grupos em defesa do SUS, na medida em que empregadores, empregados, sindicatos, funcionários públicos e o próprio governo, como empregador, estão todos inseridos no sistema privado de assistência à saúde, seja como cofinanciador, seja como usuário. O que teria ocorrido se os constituintes, 25 anos atrás, tivessem optado por eliminar os subsídios, isto é, o dinheiro público para financiar o gasto privado em saúde? Mas tal escolha trazia muitos riscos naquele momento, dado o peso do legado histórico-institucional deixado pelo regime autoritário, argumento central desenvolvido no livro."

Sandra Gomes, professora do Departamento de Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisadora associada do Centro de Estudos da Metrópole (CEM)

"Não foram poucos os títulos publicados pela Editora Fiocruz que me instigaram a uma maior reflexão sobre a saúde brasileira. Tive a oportunidade de ler sobre nossos notáveis, como em *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira* (1995), de Nara Britto, e *Carlos Chagas: um cientista do Brasil* (2009), de Simone Kropf e Aline de Lacerda. Além de conhecer brasileiros de grande visão científica, a leitura dessas obras possibilita identificar, em consonância com o conceito do SUS, os ideais humanistas, assim como a difícil busca de soluções para os problemas sociais e de saúde recorrentes em nosso Brasil. Neste processo reflexivo, incluo também o título *SUS: o desafio de ser único* (2012), de Carlos Ocké. O autor deixa evidente a necessidade de repensar as contradições presentes no SUS, o distanciamento da proposta inicial de universalidade e gratuidade da saúde, e a questão da sustentabilidade política, social e financeira do sistema. Este, muitas vezes, se apresenta desestruturado por medidas equivocadas que, por exemplo, favorecem os grandes planos de saúde, cujos interesses empresariais nem sempre estão alinhados aos objetivos e metas do sistema de saúde pública. Destaco, ainda, o título *Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar* (2010), de Pedro Teixeira e Sílvio Valle (orgs.), porque a atuação do profissional de saúde no SUS também perpassa questões como os riscos biológicos, físicos e químicos, entre outros. Como médica e pesquisadora de saúde pública, tenho consciência do quanto ainda precisamos caminhar e de quantas contradições e equívocos ainda devemos eliminar. Mas, 'alimentada' pelo lema do ícone maior de nossa Casa, Oswaldo Cruz, "não esmorecer para não desmerecer", renovo a crença de que, apesar das dificuldades e da complexidade nestes 25 anos do SUS, o esforço na busca por seu fortalecimento será recompensado. Neste cenário, a Editora Fiocruz e seus leitores terão, por certo, ainda muito mais o que comemorar."

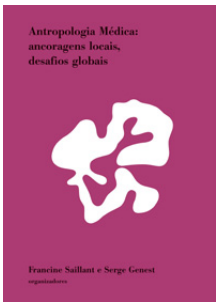






Elba Regina Sampaio de Lemos, pesquisadora titular do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), onde chefia o Laboratório de Hantaviroses e Rickettsioses

"A antropologia é um campo disciplinar que tem tido expansão no ensino e na pesquisa não somente nas ciências sociais, como também na área da saúde. As investigações antropológicas sobre a saúde e a doença têm contribuído para entender o processo saúde-doença em suas variadas dimensões, sejam elas biológica, psíquica e, ainda, sociocultural. Nesse sentido, a coleção *Antropologia e Saúde*, publicada pela Editora Fiocruz, possibilita reflexões e problematizações sobre questões concernentes ao envelhecimento, às relações de gênero, à sexualidade, à deficiência, à alimentação, ao corpo e à morte, entre outras temáticas interdisciplinares. O conjunto de livros que compõe esta coleção tem servido como importante ferramenta para o ensino e a pesquisa entre estudantes de enfermagem, farmácia, fisioterapia, saúde coletiva e terapia ocupacional na Universidade de Brasília (UnB). A interlocução entre a antropologia e a área da saúde é, destarte, alcançada mediante discussões profícuas que atentam para caminhos possíveis e desafios na saúde brasileira."



Érica Quinaglia Silva, professora da UnB e pesquisadora do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis)

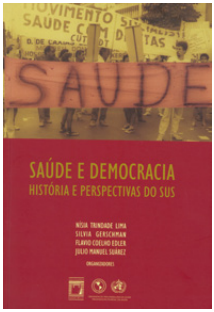
"*Políticas Públicas no Brasil* (2007), organizado por Gilberto Hochman, Marta Arretche e por mim, favoreceu o adensamento experimentado pela área temática de políticas públicas na última década, com efeitos sobre vários campos substantivos de políticas, inclusive a saúde. Não tenho dúvida ao afirmar que contribuímos para capacitar o campo de políticas públicas com aquela publicação. Foi com este mesmo objetivo que organizei com Carlos Aurélio Pimenta de Faria a coletânea *A Política Pública como Campo Multidisciplinar* (2013). No caso deste livro, o fato de a área de políticas ser multidisciplinar por excelência foi o ponto de partida para produzirmos um amplo mapeamento das contribuições teóricas desenvolvidas pelas várias disciplinas que se debruçam sobre as políticas públicas."

Eduardo Marques, professor livre-docente do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (CEM)

"O trabalho de pesquisa desenvolvido pela Fiocruz, focado em seus objetivos de 'promover a saúde e o desenvolvimento social, gerar e difundir conhecimento científico e tecnológico, ser um agente da cidadania', reflete no catálogo de sua Editora, que, em seu segmento temático, é única entre as editoras universitárias! Destaco desse catálogo dois títulos que me ajudaram a entender a trajetória da saúde pública no Brasil, sua história, sua memória e como ela se embasou. Como cidadã, me sinto privilegiada pelo acesso a informações fundamentais para entendermos as dificuldades do atendimento à saúde de nossa população. O livro *Reforma Sanitária Brasileira: contribuição para a compreensão e crítica* (2008) 'abriria' minha leitura em busca desse conhecimento da área, por seu viés histórico, mas também reflexivo, e que nos conduz ao debate. Escrito por Jairnilson Silva Paim, professor titular da Universidade Federal da Bahia (Ufba), de quem muito nos orgulhamos por sua trajetória de pesquisador e pela contribuição que tem dado à área da saúde coletiva. É também da autoria de Paim *O Que É o SUS* (2009), que, em linguagem acessível para leigos, descreve o que é, o que faz, o que deve fazer o SUS."

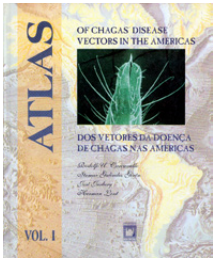
Flávia Garcia Rosa, professora associada da Ufba e diretora da Editora da mesma universidade

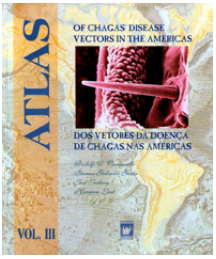
"Penso que o livro *Saúde e Democracia: história e perspectivas do SUS* (2005), de Nísia Trindade Lima, Silvia Gerschman, Flavio Coelho Edler e Julio Manuel Suárez (orgs.), é uma das mais importantes referências sobre o tema."



Marta Arretche, professora livre-docente do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) e diretora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM)

"Diante de uma bela sequência de obras publicadas pela Editora Fiocruz, com uma selecionada coletânea de trabalhos voltados para a medicina tropical e, por conseguinte, com viés para o SUS, nesse caso englobando especialidades em saúde, tem-se aí uma excelente relação entre pesquisa e expressão de seus produtos. Um exemplo de obra que colabora para essa relação é a coletânea em três volumes do *Atlas dos Vetores da Doença de Chagas nas Américas* (1998, 1999). Trata-se de um repositório de produção técnica e científica da referida Editora, elaborado a várias mãos por experimentados profissionais, como Rodolfo U. Carcavallo, Itamar Galindez Girón, José Jurberg e Herman Lent. A obra contribui para a saúde pública e a medicina tropical – e, portanto, para o SUS –, uma vez que instrui e orienta técnicos e pesquisadores a identificarem com minúcias triatomíneos americanos, em especial aqueles vetores da importante tripanossomíase doença de Chagas, transmitida pelo *Trypanosoma cruzi*. A editoração promovida pela Editora Fiocruz merece todos os elogios."





Leon Rabinovitch, chefe do Laboratório de Fisiologia Bacteriana do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz)

1993 – A Fiocruz, com o então presidente Carlos Morel e o vice-presidente Paulo Buss, publica a portaria de criação da Editora, que começa a funcionar em uma sala do Castelo

1994 – Lançamento dos primeiros livros [*O Controle da Esquistossomose*; *Estado sem Cidadãos: seguridade social na América Latina*; *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: abordagens contemporâneas*; *Principais Mosquitos de Importância Sanitária no Brasil*; *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*; *Saúde e Doença: um olhar antropológico*; *Saúde e Povos Indígenas*]

A Editora Fiocruz e os Autores têm a satisfação de convidar V. Sa. para o lançamento dos livros:

ESTADO SEM CIDADÃOS
de Sônia Fleury

SAÚDE E POVOS INDÍGENAS
de Ricardo V. Santos
e Carlos E. A. Coimbra Jr.
(Organizadores)

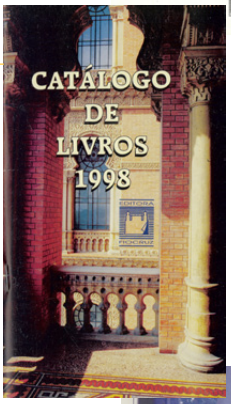
SAÚDE E DOENÇA - UM OLHAR ANTROPOLÓGICO
de Paulo César Alves
e Maria Cecília de Souza Minayo
(Organizadores)

Dia 12 de dezembro de 1994, 2ª feira

Local: Saguão da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 - Manguinhos

IMPRESSO

1998 – Lançamento do primeiro livro da coleção *Antropologia e Saúde* [*Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas*]



1999 – Lançamento do primeiro livro da coleção *Loucura & Civilização* [*A Reforma Psiquiátrica*]

2001 – A Editora, que desde 1994 funcionava em um espaço cedido na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), se muda para uma sala no prédio do *campus* Expansão

2001 – Lançamento dos primeiros livros da coleção *História e Saúde* [*Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*; *Ser Médico no Brasil: o presente no passado*]

2002 – Lançamento do primeiro livro da coleção *Criança, Mulher e Saúde* [*Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*]

2002 – *Febre Amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada* recebe menção honrosa na categoria Ciências Naturais e Ciências da Saúde do Prêmio Jabuti

PRÊMIO
JABUTI
2002

A Câmara Brasileira do Livro confere a
EDITORA FIOCRUZ
MENÇÃO HONROSA do Prêmio Jabuti 2002 na categoria
CIÊNCIAS NATURAIS E DA SAÚDE
pela obra
FEBRE AMARELA: A DOENÇA E A VACINA, UMA HISTÓRIA INACABADA

São Paulo, 29 de abril de 2002

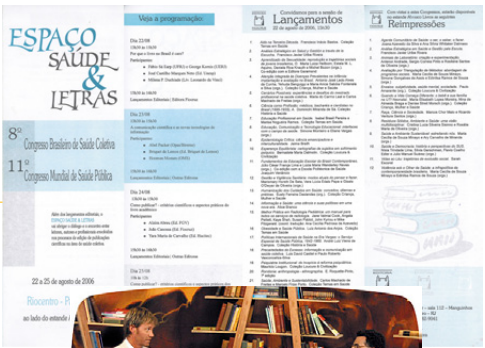
Raul Wassermann
Presidente da CBL

José Luiz Goldfarb
Coordenador do Prêmio Jabuti

2003 – Lançamento do primeiro livro da coleção *Saúde dos Povos Indígenas* [*Poder, Hierarquia e Reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro*]

2004 – Concurso da Anpocs elege *A Arte de Enganar a Natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do* século XX como a melhor Obra Científica de Ciências Sociais, enquanto *Um Lugar para a Ciência: a formação do* campus *de Manguinhos* ganha a Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil-RJ na categoria Publicações

2005 – *Adolpho Lutz: obra completa* recebe menção honrosa na categoria Livro do Prêmio Alexandre Rodrigues Ferreira, promovido pela Sociedade Brasileira de Zoologia, e ganha também o 2º lugar na categoria Ciências Naturais e Ciências da Saúde do Prêmio Jabuti. Ainda no Jabuti, *Itinerários da Loucura em Território Dogon* fica em 3º lugar na categoria Educação, Psicologia e Psicanálise

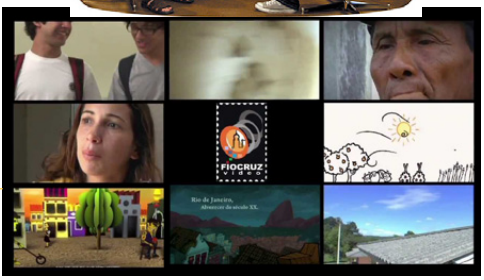


2006 – Criação do Saúde & Letras, espaço de encontros e bate-papos informais com autores da Editora Fiocruz dentro da programação dos congressos da Abrasco

2006 – Lançamento dos primeiros livros da coleção *Temas em Saúde* [*Aids na Terceira Década*; *Educação Profissional em Saúde*; *Obesidade e Saúde Pública*; *Saúde, Ambiente e Sustentabilidade*; *Violência e Saúde*]

2008 – Estreia do programa de TV *Ciência & Letras*, fruto de uma parceria do Canal Saúde com a Editora Fiocruz

2008 – Primeiro edital do selo Fiocruz Vídeo, por meio da VideoSaúde Distribuidora, com o apoio da Editora Fiocruz

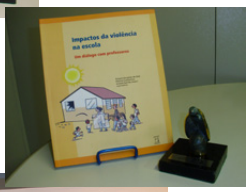


2009 – *Entre os Salões e o Laboratório: Guilherme Guinle, a ciência e a saúde no Rio de Janeiro (1920-1940)* ganha o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais

2011 – Início da modalidade de comercialização por boleto bancário *on-line* no *site* da Editora

2011 – Realização de uma ampla reforma nas instalações da Editora, concluída no ano seguinte

2011 – Dois livros ganham o Prêmio Jabuti. *Impactos da Violência na Escola: um diálogo com professores* fica em 1º lugar na categoria Educação e *Biologia, Manejo e Medicina de Primatas Não Humanos na Pesquisa Biomédica*, em 3º lugar na categoria Ciências Naturais



2012 – Lançamento do Portal SciELO Livros (http://livros.scielo.org/)

2012 – *Fundamentos da Paleoparasitologia* ganha o 1º lugar na categoria Ciências Naturais do Prêmio Jabuti

2013 – Com um projeto sobre *e-book* interativo, a Editora é contemplada no primeiro edital da Faperj especificamente dirigido a editoras universitárias

2013 – Realização do seminário "O Futuro do Livro É o Livro", na Academia Brasileira de Letras (ABL)

2013 – Realização do primeiro seminário interno da Editora, no Palácio Itaboraí (Fiocruz/Petrópolis)

2013 – *Democracia, Federalismo e Centralização no Brasil* recebe menção honrosa na categoria Obra Científica do Concurso Brasileiro Anpocs em Ciências Sociais

2014 – Em sua terceira participação na Feira do Livro de Frankfurt, a Editora Fiocruz aterrissa em solo alemão mais bem preparada para negociações relacionadas aos direitos de tradução e outras licenças, principal objetivo do evento

2014 – Lançamento do Catálogo de Programas Ciência & Letras

2014 – Inauguração da Livraria da Editora Fiocruz no prédio da Asfoc-SN, em Manguinhos (Rio de Janeiro/RJ)

2015 – Portal SciELO Livros completa três anos no ar e os *e-books* da Editora Fiocruz em acesso aberto ultrapassam 20 milhões de *downloads*